Dr. TEIXEIRA DE CARVALHO

João de Ruão
e
Diogo de Castilho

NOTAS Á MARGEM DE UM
COMPROMISSO RARO
: MDXLV — MDLXX :

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA : MCMXXI

JOÃO DE RUÃO

E

DIOGO DE CASTILHO

Dr. TEIXEIRA DE CARVALHO

João de Ruão e Diogo de Castilho

NOTAS Á MARGEM DE UM
COMPROMISSO RARO
: MDXLV — MDLXX :

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA : MCMXXI

DUAS PALAVRAS

Á bons vinte e cinco anos o Doutor Teixeira de Carvalho — o ilustre autor da monografia que vai lêr-se — era o querido Quim Martins da nossa geração coimbrã. Abancava no café Lobo com os rapazes, confundindo a sua sobrecasaca comprida e correcta com as batinas académicas e, se em casa deixara o capêlo e borla amarelos, à porta lhe ficava também o lustroso chapeu alto para mais familiar e democráticamente se entregar ao cavaco, *em que era exímio. A sua proverbial indulgência e bondade à cabeceira dum estudante em vésperas de sabatina haviam-lhe grangeado grande popularidade no meio coimbrão e os seus inflamados artigos na* Resistência *escandeciam os cérebros da rapaziada revolta como as suas cabeleiras de ébano.*

— ¡ Bons tempos êsses, vão e não voltam !

Decorreram anos. Ao autor destas linhas embranqueceram precocemente os cabelos e Quim Martins adquiriu

aquelas barbas patriarcais com que todos o conhecemos nos seus derradeiros tempos.

O Destino fizera-nos funcionário superior da Tôrre do Tombo e Quim Martins surgia-nos prefaciando um livro de larga investigação histórica do arqueólogo coimbrão, cónego Prudêncio. Depois, por conta própria, começa a prescrutar os abundantes veios do passado da lusa Atenas e aí lhe escorrem da pena elegante de jornalista, uns após outros, trabalhos profundos de erudição.

Viera-lhe tarde o gôsto, mas viera ainda a tempo de lhe podermos apreciar o produto dos seus labores.

¡ E como é bem sui generis *êsse gôsto do investigador histórico, cujo espírito, revolvendo os monumentos diplomáticos do passado, se decuplica, se centuplica, se multiplica em suma, para conhecer as eras pretéritas !*

¿ Além da ilustração especial e técnica, quem desconhece como é indispensável um sexto sentido, um faro apurado, — chamemos lhe assim — que só deixa descançar o indagador depois de esclarecido o problema que lhe puzeram ?

E êsse faro apurado tinha-o sobejamente o dr. Teixeira de Carvalho; êsse prazer, êsse gôsto, adquiriu-o na intimidade do cónego Prudêncio. Veja-se como o manifesta no seguinte período desta monografia:

— «Isso me levou a publicar os documentos seguintes que pacientemente copiei no cartório da Santa Casa de Coimbra, conseguindo assim passar alegremente os últimos dias de chuva e frio dêste inverno»

¡ Bemdita alegria ! Com paciência, com amor ao estudo, com são critério, exhuma-se dos pergaminhos amarelecidos e poeirentos a vida do Passado.

¡ Ás vezes são pontos de vista novos que surgem, rectificações a afirmativas correntes, luz em densas trevas, monumentos que se erguem como catedrais !

E quantas, ao admirarmos pacientes trabalhos de investigação histórica, produtos do exame, da leitura, da exegese e da hermenéutica de instrumentos seculares, não recordamos o milagre do Evangelho:

— ¡ Surge et ambula !

Aqueles instrumentos membranáceos, aqueles tombos emaranhados, aqueles cartulários confusos, são cadáveres. Jazem — é o termo jazem — no olvido. ¡ Bemdito quem os desempoeira, os assoalha e os apresenta ao público na sua parte aproveitável e útil !

Bemdito pois o labor intelectual a que o dr. Teixeira de Carvalho — com cuja forma de transcrever documentos paleográficos estamos longe de concordar por motivos que não veem a propósito — bemdito pois o labor a que se entregou no último período da vida.

Toda a monografia, que vai lêr-se, é referente à Misericórdia de Coimbra, nas suas relações com a história da arte, na mesma cidade.

Começa pela minuciosa descrição da primeira edição do Compromisso *dessa Misericórdia, raridade bibliográfica saída, em 1636, em Coimbra, dos prelos de Diogo Gomes*

de Loureiro. Continua a descrever a segunda edição do mesmo Compromisso, *reeditando o catálogo dos provedores e escrivães desde 1526 a 1747, o que representa mais de dois séculos de figuras gradas de Coimbra a deslisarem solenemente perante nós.*

Ocupa-se depois e mais uma vez do grande artista João de Ruão, servindo-se para isso dum Memorial *da autoria do tabelião João Baptista cuja data é 1645, no primeiro capítulo do qual se trata da fundação da Misericórdia de Coimbra.*

A propósito de João de Ruão publica o dr. Teixeira de Carvalho uma quitação de 11 de setembro de 1549, anteriormente lida pelo civilista dr. Sanches da Gama, pelo cónego Prudéncio e agora pelo autor da presente monografia. A diferença principal das leituras está numa palavra que Sanches da Gama leu bãcada, *Prudéncio leu* varãda *e o dr. Teixeira de Carvalho* vasados. *A palavra é essencial por ser uma das obras a que se referem os contratos com João de Ruão e é possível que a sua leitura fôsse ilucidada por qualquer outro livro ou papel da Misericórdia.*

No capítulo IV ocupa-se dos Castilhos, dessa familia de artistas que das montanhas da Biscaya vieram trazer a Portugal o seu talento manifestado em tantas obras primas da arquitectura. Ligados a Coimbra pela régua, pelo compasso, pelo cinzel e pelo escopro no século XVI, *três séculos após viria a mesma família ligar-se a Coimbra pela*

pena: a Lapa dos Esteios fala bem alto e ainda mais alto as inspiradas trovas de António Feliciano de Castilho.

Ligado pois à Misericórdia de Coimbra vemos Diogo de Castilho, duas vezes provedor. Documentos inéditos elucidam a sua biografia e a de seu filho Jerónimo.

Por último o dr. Teixeira de Carvalho ressuscita-nos o tabelião João Baptista, cuja curiosa narração faz — como já acentuámos — revelações acêrca dos artistas de Coimbra. Acompanhados pelo dr. Teixeira de Carvalho — completo cicerone — podemos portanto entrar na sua casa da Praça, sentarmo-nos nas cadeiras de couro de pregaria do seu escritório, encostarmo-nos ao bufete com embutidos de marfim e com a devida vénia revolver o níveo bragal da arca de cedro bem como admirar o leito de madeira dourada, onde João Baptista costumava repousar das fadigas de lavrar os instrumentos no livro de notas, de receber as décimas e de administrar as quintas das Eiras e Valmeão...

¡ Obscuro João Baptista ! O seu espírito palreiro e indiscreto valeu bem esta homenagem da posteridade representada pelo dr. Teixeira de Carvalho e êste ainda mais, muito mais mesmo, merece a que lhe presta, nestas desataviadas páginas, o seu velho amigo

ANTÓNIO BAIÃO.

Quinta de Crestes, no termo de Barcelos — Setembro de 921.

COMPROMISSO
DA SANCTA
MISERICORDIA
da Cidade de Coimbra.

SVA INSTITVICAM, E CATHALOGO
dos Prouedores, & Eſcriuaẽs que até o prezente tem ſeruido nella.

IMPRESSO POR MANDADO, E A CVSTA
De Dom Ieronymo Maſcarenhas Prouedor deſta ſancta Caza, Reytor do Collegio de S. Pedro, & Conego na ſancta See deſta Cidade.

Em Coimbra com todas as licenças neceſſarias. Anno Domini 16[illegible].
Na Officina de Diogo Gomez de Loureyro Irmão deſta S. Caza.

FRONTISPÍCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO COMPROMISSO
DA MISERICÓRDIA DE COIMBRA

I

A PRIMEIRA EDIÇÃO DO COMPROMISSO DA MISERICÓRDIA DE COIMBRA

primeira edição (1636) do *Compromisso* da Misericórdia de Coimbra é um dos livros mais raros, impressos nesta cidade.

Existe nos *reservados* da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra um belo exemplar proveniente da livraria do *Colégio Real*, que julgo ser o de S. Paulo, pela comparação do *ex-libris* manuscrito com o de outros livros existentes na mesma biblioteca, e que vieram inquestionávelmente daquela livraria.

Intitula-se, como se pode fácilmente verificar pela reprodução em fac-símile do frontispício que publicamos:

COMPROMISSO / DA SANCTA / MISERICORDIA / da Cidade de Coimbra. / SVA INSTITVICAM, E CATHALOGO / dos Prouedores, & Efcriuaẽs que ate o pre- / zente tem seruido nella. / IMPRESSO POR MANDADO, E A CVSTA / de Dom Ieronymo Mafcarenhas Prouedor defta / fanta Caza, Reytor do Collegio de S. Pedro, / & Conego na fancta See defta Cidade. / *(vinheta sem indicação de desenhista ou gravador, gravada em cobre, representando as armas do reino)* / Em Coimbra com todas

as licenças neceſſarias. Anno Domini 1636. / *Na Officina de Diogo Gomez de Loureyro Irmão deſta S. Caz. 1.* /

O verso da fôlha do frontispício está em branco. Na página imediata, não numerada, começam as LICENÇAS com o pedido do provedor e irmãos para a impressão:

> «Dizem o Prouedor & mais Irmaõs da sancta Misericordia da Cidade de Coimbra; que à immitação da sancta Caza de Lisboa querem imprimir o Compromisso por onde se gouernão, cõ hũ Catalogo no fim de todos os Prouedores, & mais Irmaõs, que em todos os annos despois de sua fundação forão eleytos.
>
> Pedem a V. S. lhe dem licença pera poder imprimir o dito Compromisso, E. R. M.»

Como se lê nas licenças, foi o Compromisso mandado vêr em 26 de Outubro de 1635 pelo padre mestre Simão Alvarez, que informou em 30 de Outubro do mesmo ano, que estava *muyto conforme à douctrina de nossa sancta Fè, Piedade, zelo, & bom gouerno daquella sancta Caza e muyto digno de se imprimir.*

Com esta informação foi o manuscrito enviado de novo ao padre mestre fr. Ignácio Galvão, que, em 2 de Novembro do mesmo ano, informava não ter achado nêle *cousa contra a Fé, ou bõs costumes, mas antes nelle* resplandecia *a Christãdade, & verdadeyra Misericordia, que nesta Sancta Irmandade, conforme sua instituição, costuma auer: & nelle não sòmente com excellente ordem se despoem tudo o necessario para o bom gouerno da dita Caza, se não tambem com grande zelo dos pobres, & necessitados se trata da charidade, na qual consiste a perfeyção da Ley Euangelica.*

E terminava: *& assi me pareçe dignissimo de se imprimir pera edificação de todos.*

A licença para imprimir, que fecha esta página, tem a data de 2 de Novembro de 1635.

No verso desta página, vem o alvará rial datado de 3 de Julho de 1620, confirmando os capítulos do Compromisso *que de nouo fizerão.*

Ocupa o alvará apenas o terço superior da página, cujos dois terços inferiores ficaram em branco.

O Compromisso começa com o Capítulo I. *Do numero e qualidade que hão de ter os Irmãos da Misericordia* na página imediata (A) que não é, como as outras, numerada, não tem assinatura e apenas se pode distinguir pelo reclamo = A pri- = e cujo verso não tem assinatura, mas só o reclamo = lhe =

Nenhum dos *verso* das fôlhas é numerado, e distinguem-se apenas pelos *reclamos*.

O compromisso continua nas páginas imediatas A_2 (reclamo = conue =), A_3 sem assinatura e com o reclamo = fa = , B (sem reclamo), B_1, sem assinatura e com o reclamo = liber- = , B_2 (reclamo = pri- =), B_3 sem assinatura e com o reclamo = caren- = , C (reclamo = no, =), C_1 sem assinatura e com o reclamo = Efen = , C_2 (reclamo = to- =), C_3 sem assinatura e com o reclamo = ter- = , D (reclamo = na =), D_1 sem assinatura e com o reclamo = me = , D_2 (reclamo = Cap. 7 =), D_3 sem assinatura e com o reclamo = rias = , E (reclamo = rem = , E_1 sem assinatura e com o reclamo = dia = , E_2 (reclamo = dimen- =), E_3 sem assinatura e com o reclamo = conta = F (reclamo = zas =), F_1 sem assinatura, com o reclamo = ponha = , F_2 (reclamo = gencia, =) F_3 sem assinatura com o reclamo = parado = , G (reclamo = grande =), G_1 sem assinatura, reclamo = Magef- = , G_2 (reclamo = Igreja =), G_3 sem assinatura

com o reclamo = 5 A terceira =, H (reclamo = meçar, =), H_1 sem assinatura, com o reclamo = & vltima =, H_2 (reclamo = se não =), H_3 sem assinatura, reclamo = 10 se algũa =, I (reclamo = dos =), I_1 sem assinatura e com o reclamo = garão =, I_2 (reclamo = CAPI- =), I_3 sem assinatura e com o reclamo = denar =, K (reclamo = los =), K_1 sem assinatura, com o reclamo = tros =, K_2 (reclamo = is =) K_3 sem assinatura e com o reclamo = cefsario =, L (reclamo = mal. =), L_1 sem assinatura e com o reclamo = Nos =, L_2 (reclamo = rão =), L_3 sem assinatura e com o reclamo = ro =), M (reclamo = que =), M_1 sem assinatura e com o reclamo = 18 No =, M_2 (reclamo = que =), M_3 sem assinatura e com o reclamo = de se =, N (reclamo = dito, =), N_1 sem assinatura, reclamo = 3 Auendo =, N_2 (reclamo = Como =), N_3 sem assinatura, com o reclamo = fará = O (reclamo = em =), O_1 sem assinatura, com o reclamo = dara =, O_2 (reclamo = irão =) O_3 sem assinatura, reclamo = Caza =, P (reclamo = Nobres, =), P_1 sem assinatura, com o reclamo = tam =), P_2 sem reclamo, P_3 sem assinatura nem reclamo, Q sem reclamo, Q_1 sem assinatura e com o reclamo = criuão =, Q_2 sem reclamo, Q_3 sem assinatura nem reclamo, R, sem reclamo, R_1 sem assinatura nem reclamo, R_2 sem reclamo, R_3, última página, sem assinatura, nem reclamo.

O têsto do compromisso termina com O FINIS LAVS DEO a pág. P_2, seguindo-se na imediata, P_3, a TABOADA DESTE COMPROMISSO, com os títulos dos seus 32 capítulos.

Nas páginas Q, Q_1, Q_2, Q_3 e R, vem uma memória com o título: INSTITVIÇAM DA MISERICORDIA DE / Coimbra, & Cathalogo dos Prouedores, & Efcri- / uães, que até o prezente nella tem seruido. /

A página R_1 é ocupada por uma carta régia datada de 12 de Setembro de 1500, *reposta à carta que veyo da Cidade de Coimbra sobre a Misericordia.*

A meza da Misericórdia pedia a el-rei rendas para se fazerem obras que se julgavam necessárias, o rei responde que a Misericórdia não devia ter rendas, *porque quãdo tiuese renda, & couza propria perdersehia toda a deuassam & esmola com todollos outros bẽs q̃ se puderam fazer de que nosso Senhor será mais seruido, que de outra maneira* e lembrava aos cuidadosos mesários que não deviam *outras enouações nem enouimentos fazer* senão como se fazia na cidade de Lisboa *que hé assas de bem.* Na página R3 imediata acabou com o alvará datado de 12 de Setembro de 1500, dando a Confraria da Misericórdia *que se hora faz em a dita Cidade* os mesmos privilégios e liberdades que tinham os *Officiaes & Confrades da dita Comfrariâ em a nossa Cidade de Lisboa.*

O compromisso acaba aqui sem colofundo.

II

A SEGUNDA EDIÇÃO DO MESMO COMPROMISSO

FOI feita em 1747 e tem por título:

COMPROMISSO / DA SANCTA / MISERICORDIA / DA CIDADE DE COIMBRA. / Sua inſtituiçaõ, Cathalogo dos Prouedores, e Eſcriuaens, / que até o preſente tem ſervido nella. / IMPRESSO POR MANDADO, E Á CUSTA / DE / FILIPPE / SARAYVA DE SAMPAYO DE MELLO, / Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, Cavalleyro Proffeço na Ordem / de Chriſto, e Provedor deſta Sancta Caſa. / (vinheta em cobre sem assinatura, representando o brasão do provedor) / COIMBRA: / Na officina de Luis Secco Ferreyra, Famaliar do S. Officio, e Irmaõ deſta S. Caſa, / Anno do Senhor 1747. / *Com todas as Licenças neceſſarias.* /

Verso do frontispício em branco. Seguem duas páginas por numerar, a primeira com as LICENÇAS, a segunda com o alvará de 3 de Julho de 1620. Na página imediata, sem numeração, começa o compromisso que segue nas outras sem êrro de numeração até à pág. 56, que contêm a taboada.

Na pág. 57, não numerada, a memória sôbre a instituição

da Misericórdia e catálogo dos provedores, que começa na pág. 58 e continua nas 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66.

Na pág. 67, não numerada, a carta régia de 12 de Setembro de 1500.

Na pág. última, 68, não numerada, o alvará de 12 de Setembro de 1500.

É a reprodução fiel do compromisso de 1636, apenas com o acrescentamento dos provedores até 1747, que reproduziremos por haver sido cortada tanto esta como o catálogo da edição de 1636 nas edições subsequentes.

Nas edições posteriores foram cortados a memória sôbre a *Instituição da Misericórdia* e os catálogos dos provedores. A memória tornou a aparecer na última edição, sem o catálogo dos provedores, por isso reproduziremos os dois catálogos dos provedores, reunindo-os num só, e a êle e à memória faremos algumas observações que nos parecem de interêsse.

Catalogo dos Prouedores, & Escriuães

E pella Escritura do liuro 2. do cartorio de Sanctiago assima referida se mostra ser Prouedor Ruy de Saa Pereira, em o anno de 1526.

Este mesmo Ruy de Saa Pereira, achamos ser Prouedor em o anno de 1540.

E no termo da elleição de Officiaẽs da Meza se intitulla Prouedor perpetuo & se fez elleição sòmente dos mais Irmãos da Meza. Foy este anno Escriuão Duarte Borges.

Anno de 1541. se mostra seruir de Prouedor Simão de Saa, em absencia de Ruy de Saa Pereira. Escriuão Duarte Borges.

Anno de 1542. se acha seruir de Prouedor Artur de Saa, por seu Pay Ruy de Saa, Pereira estar absente, Escriuão Duarte Borges.

Anno de 1543. se acha seruir de Prouedor o mesmo Artur de Saa, por estar doente seu Pay Ruy de Saa Pereira, Escriuão Duarte Borges.

Anno de 1544. a 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Lobo, Escriuão Duarte Borges.

Anno de 1545. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Simão de Saa, Escriuão Duarte Borges.

Anno de 1546. em 2. de Iulho foy Reelleito Prouedor Simão de Saa, Escriuão o Doutor Ruy Lopez da Veiga.

Anno de 1547. a 2. de Iulho foy elleito Prouedor Duarte de Saa, Escriuão Gaspar Rodriguez.

Anno de 1548. em 2. de Iulho foy Reelleito Prouedor Duarte de Saa, Escriuão Gaspar Fogaça.

Anno de 1549. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Simão de Saa, Escriuão Gonçalo de Rezende.

Anno de 1550. em 2. de Iulho foy Reelleito em Prouedor Simão de Saa, Escriuão Antonio Leitão.

Anno de 1551. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Mascarenhas. Escriuão Gonçalo Leitão.

Anno de 1552. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Pereira de Saa, Escriuão Ieronymo Moniz.

Anno de 1553. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Duarte de Saa, Escriuão Manoel Leitão.

Anno de 1554. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Simão de Saa, Escriuão Diogo Ferraz.

Anno de 1555. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Brandão, Escriuão Antonio Leitão.

Anno de 1556. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Perestrello, Escriuão Gonçalo Leitão.

Anno de 1557. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Pereira de Saa, Escriuão Diogo Aranha.

Anno de 1558. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Ruy Lopez de Bastos, Escriuão Ieronymo Brandão.

Anno de 1559. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Pereira de Saa, Escriuão Diogo Ferraz.

Anno de 1560. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Brandão, Escriuão Antonio Leitão.

Anno de 1561. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Gonçalo Leitão, Escriuão Ruy Lopez de Bastos.

Anno de 1562. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Ioão de Beja Perestrello, Escriuão Diogo Marmeleiro.

Anno de 1563. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Diogo de Castilho, Escriuão Ioão Gonçalues de Sequeira.

Anno de 1564. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Pereira de Saa, Escriuão Ieronymo de Castilho.

Anno de 1565. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Ruy Lopez de Bastos, Escriuão Diogo Marmeleiro.

Anno de 1566. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Diogo de Castilho, Escriuão Ioão Gonçalues de Sequeira.

Anno de 1567. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Antonio Leitão, Escriuão Francisco de Magalhaẽs.

Anno de 1568. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Antonio de Alpoem, Escriuão Gonçalo Leitão.

Anno de 1569. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Diogo Aranha Chaues, Escriuão Manoel Leitão. O qual se escuzou, & foy elleito em seu lugar Ioaõ Gonçalues de Sequeira.

Anno de 1570 em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Ieronymo Brandão, Escriuão Antonio Leitão.

Anno de 1571. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Pereira de Saa, Escriuão Gonçalo Leitão.

Anno de 1572. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Manoel Leitão, Escriuão Esteuão Arès.

Anno de 1573. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Gonçalo Leitão. Escriuão Antonio Leitão.

Anno de 1574. em 2. de Iulho foy eleito Prouedor Francisco Pereira de Saa, Escriuão Ieronymo de Castilho.

Anno de 1575. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Doutor Inofre Francisco Escriuão Gonçalo Leitão, o qual se escuzou & em seu lugar foy elleito Manoel Homem.

Anno de 1576. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Pereira de Saa, o qual se excuzou, & em seu lugar foy elleito o Doutor Iorge de Saa, & por sua morte fizerão Prouedor Antonio Leitão Escriuão Diogo Aranha Chaues, o qual se excuzou, & em seu lugar foy elleito Diogo Marmeleiro.

Anno de 1577. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Pereira de Saa, Escriuão Diogo Aranha Chaues, o qual se escuzou & em seu lugar foy elleito Francisco de Alpoem.

Anno de 1578. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Balthezar da Fonsequa Escriuão Antonio Leitão.

Anno de 1579. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco Pereira de Saa, Escriuaõ o Doutor Francisco da Costa.

Anno de 1580. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Mattheus Pereira de Saa, Escriuão Diogo Marmeleiro.

Anno de 1581. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Diogo Aranha Chaues, Escriuão Antonio Leitão.

Anno de 1582. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Dom Ioão de Bargança Bispo que foy de Vizeu, Escriuão Ieronymo de Castilho, o qual se escuzou & em seu lugar foi elleito Antonio Leitão.

Anno de 1583. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Dom Nuno de Noronha Reytor da Vniuersidade, Escriuão Gonçalo Leitão.

Anno de 1584. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Matheus Pereira de Saa, Escriuão o Lecenciado Francisco Ayres.

Anno de 1585. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Doutor Luis Gonçalues de Ribafria, o qual seruio pouco tempo & escuzandose foy elleito em seu lugar o Doutor Antonio Vaz Cabaço Escriuão Antonio Leitão.

Anno de 1586. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Diogo Marmeleiro, Escriuão Esteuão Arès.

Anno de 1587. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Ieronymo de Castilho, Escriuão, o Lecenciado Francisco Ayres.

Anno de 1588. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Luis Pereira de Miranda, Escriuão Ioão de Seixas.

Anno de 1589. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Mattheus Pereira de Saa, Escriuão Esteuão Arès.

Anno de 1590. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Doutor Antonio Vaz Cabaço Escriuão Francisco de Alpoem, o qual se escuzou & em seu lugar foy elleito Antonio Leitão.

Anno de 1591. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Ieronymo de Castilho, Escriuão Ieronymo Rangel Homem.

Anno de 1592 em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Dõ Fernão Martins Mascarenhas Reytor da Vniuersidade o qual se escuzou & em seu lugar foy elleito o Doutor Antonio Vaz Cabaço Lente de prima Iubilado de leys, Escriuão Simão deSeixas.

Anno de 1593. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Frey Gaspar da Fonsequa Cõmendador de Malta, Escriuão o Lecenceado Antonio Dias da Costa.

Anno de 1594. em .2. de Iulho foy elleito Prouedor Vasco Martins Monis, Escriuão Bras Nunes de Mascarenhas.

Anno de 1595. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Frey Gaspar da Fonsequa Cõmendador de Malta, Escriuão Fernão Soares Pays.

Anno de 1596. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Conego Pedralues Nogeira, Escriuão Bras Nunes Mascarenhas. Morreo o Prouedor. E ẽ seu lugar foy elleito o Escriuão, & fizerão Escriuão Francisco de Rezende.

Anno de 1597. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Francisco de Alpoem, Escriuão Ieronymo Rangel Homem.

Anno de 1598. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Doutor Diogo Pays da Cunha, Escriuão o Lecenceado Antonio Dias da Costa.

Anno de 1599. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Doutor Antonio da Cunha, Escriuão Ieronymo Rangel Homem, o qual se escuzou & em seu lugar foy elleito Bras Nunes Mascarenhas.

Anno de 1600. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Heitor de Saa Pereira, Escriuão Ioão de Beja Perestrello.

Anno de 1601. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Frey Gaspar da Fonsequa cõmendador de Malta, Escriuão Francisco de Rezende.

Anno de 1602. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Dom Ioão Coutinho. Hoje Arcebispo de Euora, Escriuão Gregorio da Silua.

Anno de 1603. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Niculao Leytão Thezoureiro Mor da See, Escriuão Saluador Romeu de Almeida.

Anno de 1604. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Frey Gaspar da Fonsequa Cõmendador de Malta, Escriuão Gil Homem.

Anno de 1605. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Gil Homem, Escriuão Simão Leal.

Anno de 1606. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Doutor Gabriel da Costa, Escriuão Ieronymo Zuzarte.

Anno de 1607. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Heitor de Saa, Pereira, Escriuão Sebastião de Mattos.

Anno de 1608. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Arcediago Andre de Pinho, Escriuão Fernão Soares, o qual se escuzou, & em seu lugar foy elleito Ieronymo Rangel Homem.

Anno de 1609. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Christouão de Saa Pereira, Escriuão Ieronymo Zuzarte.

Anno de 1610. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Ruy Lopez de Magalhaẽs, Escriuão Ioão de Beja Perestrello.

Anno de 1611. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Bento Arrais de Mendoça, Escriuão Ioão de SamPayo Prior de Sanctiago.

Anno de 1612. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Dom Pedro de Menezes Conde de Cantanhede, Escriuão Gil Homem.

Anno de 1613. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Bispo Conde Dom Affonço de Castelbranco, Escriuão Christouão de Saa, Pereira.

Anno de 1614. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Dom Ioão da Silva; que morreo Capellão Mor. &c.

Anno de 1615. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Heitor de Saa Pereira, Escriuão Francisco de Moraẽs da Serra.

Anno de 1616. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Bras Nunes Mascarenhas, Escriuão Marçal de Maçedo.

Anno de 1617. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Bispo Conde Dom Affonço Furtado de Mendoça, Escriuão o Conego Antonio de Olieuyra.

Anno de 1618. ẽ 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Conego Antonio de Olieuyra, Escriuão Pero Soares.

Anno de 1619. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Dom Miguel de Castro, que morreo Bispo de Vizeu, Escriuão o Conego Antonio de Oliueyra.

Anno de 1620. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Bispo Conde Dom Martim Affonço Mexia, Escriuão o Prior Antonio Monteiro.

Anno de 1621. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Doutor Francisco Lopez Pacheco, Escriuão Luis Sardinha Cezar.

Anno de 1622. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Heitor de Saa Pereira, Escriuão Andre Serrão da Cunha.

Anno de 1623. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Arcediago Martim Affonço Mexia, Escriuão o Prior Ioão de SamPayo.

Anno de 1624. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Arcediago Bento de Almeyda, Escriuão Francisco de Moraẽs da Serra.

Anno de 1625. em 2, de Iulho foy elleito Prouedor o Doutor Francisco Lopez Pacheco, Escriuão Antonio de Vasconçellos.

Anno de 1626. em 2. de Iulho foy eleito Prouedor o Bispo Conde Dom Ioão Manoel, Escriuão o Conego Ioão Rodrigues Banha.

Anno de 1627. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Doutor Ioão de Carualho, Escriuão Andre Serrão da Cunha.

Anno de 1628. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Aluaro Rebello Carrilho, Escriuão Antonio da Costa Gramaxo.

Anno de 1629. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Doutor Francisco Lopez Pacheco, Escriuão Francisco Gomez Collaço.

Anno de 1630. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor

Diogo Marmeleiro de Noronha. Escriuão Andre Serrão da Cunha.

Anno de 1631. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Doutor Francisco Rodrigues de Valadares, Escriuão Diogo de Carualho Pinto.

Anno de 1632. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Doutor Ioão de Carualho, o qual se escuzou & em seu lugar foy elleito o Doutor Antonio Fernandes de Carualho, Escriuão Belchior Caldeira.

Anno de 1633. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor o Arcediago Bento de Almeyda, Escriuão o Arcediago Ioão Caldeira.

Anno de 1634. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Frãcisco Gomez Colaço, Escriuão Frãcisco Cardozo Zuzarte.

Anno de 1635. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Dom Ieronymo Mascarenhas Collegial do Collegio de S. Pedro & Conego na Sancta See desta Cidade, Escriuão Pedro Homem Frade (1).

Anno de 1636. Dom Diogo de Lima Collegial do Collegio Real Provedor, e Escrivaõ André Serraõ da Cunha.

Anno de 1637. Lopo Luis de Camoens Provedor, e Escriuaõ o Arcediago Joaõ Caldeyra.

Anno de 1638. o Doutor Thomás Serraõ de Brito Provedor, e Escriuaõ Jorge de Carvalho.

Anno de 1639. Dom Joaõ de Azevedo Provedor, e Escrivaõ o Conego Manoel Toscano.

Anno de 1640. o Beneficiado Joanne Mendes de Tavora Provedor, e Escriuaõ Joaõ da Silva de Castro.

---

(1) Aqui acaba o catálogo da primeira edição, começando no ano imediato o que se lhe acrescentou na segunda (1747). Em ambos os catálogos conservamos a ortografia das respectivas edições.

Anno de 1641. Bartholomeu de Sa Prouedor, e Escriuaõ Jacynto de Magalhaens.

Anno de 1642. Joaõ de Sá Pereyra Provedor, e Escriuaõ Francisco Cardoso Zusarte.

Anno de 1643. Joaõ de Sá de Macedo Provedor, e Escrivaõ Joaõ Moeteyro Preto.

Anno de 1644. o Reverendo Conego Gonçalo Leytaõ de Mello Provedor, e Escrivaõ Diogo de Carvalho Pinto.

Anno de 1645. o Doutor Marçal Casado Provedor, e Escrivaõ Luis Coelho de Valladares.

Anno de 1646. Gonçalo Coelho Provedor, e Escrivaõ o Prior Adriano Reymaõ.

Anno de 1647. o Doutor Gonçalo Alvo Provedor, e Escrivaõ Bernardo da Fonseca.

Anno de 1648. o Doutor Gonçalo Alvo Provedor, por naõ acceitar Dom Alvaro, Manoel de Seyxa Escrivaõ.

Anno de 1649. Luis Coelho de Valladares Provedor, e Escrivaõ Gaspar da Costa Secretario do Sancto Officio.

Anno de 1650. Joaõ da Silva de Castro Provedor, e Escrivaõ Adriano Reymaõ.

Anno de 1651. Luis de Mello Fidalgo da Casa de Sua Magestade Provedor, e Escrivaõ Luis Coelho de Valladares Cavalleyro da Ordem de Christo.

Anno de 1652. Joaõ de Quadros de Sousa Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Escrivaõ Pedro Mexia de Magalhaens Prior de Santiago.

Anno de 1653. Antonio de Macedo Velhasques Provedor, e Escrivaõ o Reverendo Prior Gaspar da Costa de Gouvea.

Anno de 1654. o Arcediago Simaõ Monteyro Preto Provedor, e Escrivaõ Manoel de Escovar.

Anno de 1655. o Doutor Francisco Vahia Teixeyra Provedor, e Escrivaõ Antonio de Almeyda Castello Branco.

Anno de 1656. o doutor Francisco Lopes Teixeyra Conego da S. Sé Provedor, e Escrivaõ Jorge da Costa Callado Galas.

Anno de 1657. Sebastiaõ de Mendanha Castello Branco Provedor, e Escrivaõ Joaõ de Seixas de Castello Branco.

Anno de 1658. Manoel de Seyxas de Castello Branco Provedor, e Escrivaõ Jeronymo Gomes de Carvalho.

Anno de 1659. Jacynto Pereyra de Saõ-Payo Conego da S. Sé Provedor, e Escrivaõ o Doutor Leaõ Lopes de Moraes.

Anno de 1660. Dom Luis de Sousa Reytor do Collegio de Saõ Paullo Provedor, e Escrivaõ Manoel de Escobar Roubaõ.

Anno de 1661. o Illustrissimo Senhor Dom Diogo da Sylva Provedor, e Escrivaõ Antonio de Figueyredo de Andrade.

Anno de 1662. Dom Carlos da Camera Provedor e Escrivaõ Luis Coelho de Valladares.

Anno de 1663. Frãcisco de Faria Severim Chantre da Sé de Evora Provedor, e Escrivaõ Jorge da Costa Galas.

Anno de 1664. o Doutor Roque Monteyro Paym Provedor, e Escrivaõ Luis Coelho de Valladares.

Anno de 1665. o Doutor Francisco Lopes Teyxeira Conego da Sé Provedor, e Escrivaõ Francisco Curado Gago Prior de Santiago.

Anno de 1666. Jacynto Pereyra de Saõ-Payo Fidalgo da Casa de Sua Magestade Provedor, e Escrivão o Doutor Martim do Amaral Pessoa.

Anno de 1667. Dom Antonio de Vas-Concellos e Sousa Porcionista no Collegio de Saõ Paulo Provedor, e Escrivaõ o Doutor Antonio Mouraõ Toscano Lente de Vespora de Medicina.

Anno de 1668. Jacynto pereyra de Saõ-Payo Fidalgo da Casa de Sua Magestade Provedor, e Escrivaõ Antonio Gomes Collaço.

Anno de 1669. Joaõ de Sousa Collegial de Saõ Pedro Provedor, e Escrivaõ o Doutor Joaõ Delgarte.

Anno de 1670. o Doutor Joaõ de Azevedo Collegial de Saõ Paulo Provedor, e Escrivaõ o Doutor Antonio Mouraõ Toscano Lente de Prima.

Anno de 1671. Fernaõ Nunes Barreto Fidalgo da Casa de Sua Magestade Provedor, e Escrivaõ o Doutor Joaõ Mendes de Carvalho.

Anno de 1672. o Illustrissimo Senhor Dom Fr. Alvaro da Sylva Bispo Conde Provedor, e Escrivaõ Fernaõ Nunes Barreto.

Anno de 1673. O mesmo Illustrissimo Bispo Conde Provedor, e Escrivaõ Joaõ Correa da Sylva.

Anno de 1674. O mesmo Illustrissimo Bispo Conde Provedor, e Escrivaõ Gaspar da Costa de Gouvea Deputado do Sancto Officio.

Anno de 1675. O mesmo Illustrissimo Bispo Conde Provedor, e Escrivaõ Manoel de Sá Pereyra.

Anno de 1676. O mesmo Illustrissimo Bispo Conde Provedor, e Escrivaõ o Reverendo Francisco Curado Gano Prior de Santiago.

Anno de 1677. Dom Fadrique de Menezes Provedor, e Escrivaõ o Doutor Joaõ Mendes de Carvalho.

Anno de 1678. o Illustrissimo Bispo Conde Dom Alvaro de Saõ Boaventura Provedor, e Escrivaõ o Reverendo Gaspar da Costa de Gouvea Deputado do S. Officio.

Anno de 1679. O mesmo Illustrissimo Bispo Conde Provedor, e Escrivaõ Joaõ Correa da Sylva Secretario da Universidade.

Anno de 1680. O mesmo Illustrissimo Bispo Conde Pro-

vedor, e Escrivaõ Gaspar da Costa de Gouvea Deputado do S. Officio.

Anno de 1681. O mesmo Illustrissimo Bispo Conde Provedor, e Escrivaõ Gonçalo de Moraes da Serra.

Anno de 1682. O mesmo Illustrissimo Bispo Conde Provedor, e Escrivaõ Agostinho Zusarte Maldonado.

Anno de 1683. o inquisidor Manoel de Magalhaens e Menezes Provedor, e Escrivaõ Manoel Coutinho Pereyra.

Anno de 1684. o Doutor Andre Bernardes Ayres Provedor, e Escrivaõ o Doutor Joaõ Mendes de Carvalho.

Anno de 1685. Dom Fadrique Antonio Magalhaens de Menezes Provedor, e Escrivaõ Manoel Pires de Aguiar.

Anno de 1686. o Illustrissimo Dom Joaõ de Mello Bispo Conde Provedor, e Escrivaõ Agostinho Zusarte Maldonado.

Anno de 1687. Dom Fadrique Antonio de Magalhaens e Menezes Provedor, e Escrivaõ Joaõ Pinto Ribeyro.

Anno de 1688. o Doutor Manoel da Costa de Almeyda Provedor, e Escrivaõ o Doutor Manoel Rodrigues do Valle.

Anno de 1689. Joaõ Correa da Sylva Fidalgo da Casa de Sua Magestade Provedor, e Escrivaõ Miguel Pereyra da Torre.

Anno de 1690. Christovaõ de Sá de menezes Conego da S. Sé Provedor, e Escrivaõ o Reverendo Doutor Bento Antunes da Costa.

Anno de 1691. o Doutor Andre Bernardes Ayres Lente de prima Provedor, e Escrivaõ o Reverendo Conego Christovaõ de Sá de Menezes.

Anno de 1692. O mesmo Doutor Andre Bernardes Ayres Provedor, e Escrivaõ Gonçalo de Moraes da Serra.

Anno de 1693. O mesmo D. Andre Bernardes Ayres Provedor, e Escrivaõ Francisco Tavares de Carvalho.

Anno de 1694. O mesmo Doutor Andre Bernardes Ayres Provedor, e Escrivaõ Bernardo Correa de Lacerda Fidalgo da Casa Real.

Anno de 1695. O mesmo Doutor Andre Bernardes Ayres, e Escrivaõ o Reverendo Manoel Ribeyro Vigario de Saõ Martinho do Bispo.

Anno de 1696. O mesmo Doutor Andre Bernardes Ayres Provedor, e Escrivaõ o Reverendo Manoel Soares da Fonseca Prior de Santiago.

Anno de 1697. O mesmo D. Andre Bernardes Ayres Provedor, e Escrivaõ Francisco de Moraes da Serra.

Anno de 1698. O mesmo Doutor Andre Bernardes Ayres Provedor, e Escrivaõ Thomas de Sequeyra de Castello Branco.

Anno da 1699. o Doutor Antonio Telles da Sylva Lente da Universidade Provedor, e Escrivaõ Manoel do Valle Souto-Mayor.

Anno de 1700. Francisco de Mello e Sousa Moço Fidalgo da Casa Real Provedor, e Escrivaõ Luis Mendes Barreto Cavalleyro do Habito de Christo.

Anno de 1701. Dom Joseph de Mello Provedor, e Escrivaõ Bento de Figueyredo e Oliveyra.

Anno de 1702. Thomas de Sequeyra Castello Branco Provedor, e Escrivaõ Manoel do Valle Souto-Mayor.

Anno de 1703. Antonio Leytaõ de Sousa Cavaleyro do Habito, de Christo Fidalgo da Casa Real Provedor, e Escrivaõ Francisco de Moraes da Serra Cavaleyro do Habito de Christo.

Anno de 1704. O mesmo Antonio Leytaõ de Sousa Provedor, e Escrivaõ o Doutor Manoel de Almeyda.

Anno de 1705. O Illustrissimo Senhor Dom Antonio de Vaz Concellos e Sousa Bispo Conde Provedor, e Escrivaõ Antonio Leytaõ de Sousa.

Anno de 1707. O mesmo Illustrissimo Bispo Conde Provedor, e Escrivaõ Antonio Leytaõ de Sousa.

Anno de 1708. Joaõ de Sá Pereyra Fidalgo da Casa Real Provedor, e Escrivaõ Tomás de Sequeyra Castello Branco.

Anno de 1709. Francisco Zusarte Maldonado Fidalgo da Casa Real Provedor, e Escrivaõ Luis Mendes Barreto, &c.

Anno de 1710. Francisco Zusarte Maldonado Fidalgo da Casa Real Provedor, e Escrivaõ Luis Mendes Barreto Cavaleyro na Ordem de Christo.

Anno de 1711. Bernardo Correa de Lacerda Fidalgo da Casa Real Provedor, e Escrivaõ Manoel Lopes Teixeyra Prior de Saõ Bartholomeu.

Anno de 1712. Francisco de Moraes da Serra Provedor, e Escrivaõ Antonio da Costa Caetano.

Anno de 1713. Francisco de Moraes da Serra Provedor, e Escrivaõ Antonio da Costa Caetano.

Anno de 1714. Dom Joseph de Menezes Mestre Escola da Sé Provedor, e Escrivaõ Luis Mendes Barreto, &c.

Anno de 1715. Dom Affonço de Menezes Senhor da Villa da Barca Provedor, e Escrivaõ Manoel do Valle Souto-Mayor.

Anno de 1716. Dom Joseph de Menezes Mestre Escola da Sé Provedor, e Escrivaõ o Reverendo Manoel Soares de Carvalho Secretario do S. Officio.

Anno de 1717. O Reverendo Doutor Antonio Teyxeyra Alvares Desembargador do Paço Provedor, e Escrivaõ Luis Caldeyra Varjaõ.

Anno de 1718. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ o Reverendo Conego Antonio Fernandes Velho.

Anno de 1719. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Luis Mendes Barreto, &c.

Anno de 1720. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Luis Caldeyra Varjaõ.

Anno de 1721. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Luis Caldeyra Varjaõ.

Anno de 1722. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Luis Mendes Barreto, &c.

Anno de 1723. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Manoel de Abreu Bacellar Cavalleyro do Habito de Christo.

Anno de 1724. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ o Reverendo Manoel Moniz Secretario do S. Officio.

Anno de 1725. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Joaõ de Oliveyra Cavalleyro do Habito de Christo.

Anno de 1726. Manoel do Valle Souto-Mayor Provedor, e Escrivaõ Amaro da Costa Coelho.

Anno de 1727. Joaõ de Sá Pereyra Commendador da Redisima de Setuval Provedor, e Escrivaõ Luis Mendes Barreto.

Anno de 1728. O mesmo Joaõ de Sá Pereyra Fidalgo da Casa Real Provedor, e Escrivaõ Luis Mendes Barreto Cavalleyro do Habito de Christo.

Anno de 1729. o Reverendo Luis Pereyra de Mello Deão da Sancta Sé Provedor, e Escrivaõ o Reverendo Conego Antonio Fernandes Velho.

Anno de 1730. O mesmo Reverendo Deaõ da Sancta Sé Luis Pereyra de Mello Provedor, e Escrivaõ o mesmo Reverendo Conego Antonio Fernandes Velho.

Anno de 1731. Dom Affonço de Menezes Senhor da Villa da Barca Provedor, e Escrivaõ Joaõ Pacheco Fabiaõ Cavalleyro do Habito de Christo.

Anno de 1732. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Joaõ Pacheco Fabiaõ, &c.

Anno de 1733. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Antonio da Costa Caetano.

Anno de 1734. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Antonio da Costa Caetano.

Anno de 1735. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Antonio da Costa Caetano.

Anno de 1736. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Antonio da Costa Caetano.

Anno de 1737. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Manoel de Sá Pereyra Fidalgo da Casa Real.

Anno de 1738. Dom Affonço de Menezes Provedor, e Escrivaõ Bernardo de Sá Pessoa Fidalgo da Casa Real.

Anno de 1739. o Doutor Fernando Joseph de Castro Fidalgo da Casa Real Lente de Vespora de Leis Provedor, e Escrivaõ Ayres de Sá e Mello Fidalgo da Casa Real.

Anno de 1740. Joaõ de Sá Pereyra Fidalgo da Casa Real Commendador da Ordem de Santiago Provedor, e Escrivaõ Manoel Joseph Coutinho Pereyra Fidalgo da Casa Real.

Anno de 1741. Joaõ de Sá Pereyra sobredito Provedor, e Escrivaõ o mesmo Manoel Joseph Coutinho Pereyra.

Anno de 1742. o Reverendo Joaõ de Lacerda Coutinho Fidalgo Capellaõ, e Conego Prebendado na S. Sé Provedor, e Escrivaõ Antonio Xavier de Cardozo Zuzarte Fidalgo da Casa Real.

Anno de 1743. Manoel de Sá Pereyra Fidalgo da Casa Real, e Mestre de Campo dos Auxiliares desta Comarca Provedor, e Escrivaõ Marçal de Macedo Velhasques de Sá e Oliveyra Fidalgo da Casa Real.

Anno de 1744. O mesmo Provedor, e Escrivaõ Felippe Sarayva de Saõ-payo de Mello Fidalgo da Casa Real, e Cavalleyro da Ordem de Christo.

Anno de 1745. O mesmo Provedor, e Escrivaõ Felippe Sarayva, &c.

Anno de 1746. O mesmo Reverendo Joaõ de Lacerda Coutinho, &c. Provedor, e Escrivaõ Felippe Sarayva de Saõ-payo de Mello, &c.

Anno de 1747. Felippe Sarayva de Saõ-payo de Mello, &c. Provedor, e Escrivaõ Manoel Joseph Coutinho Pereyra. &c.

FRONTISPÍCIO DO MEMORIAL DAS RENDAS
DA MISERICORDIA

REPRODUÇÃO DE UM DESENHO
QUE FAZ PARTE DO MEMORIAL DAS RENDAS

III

JOÃO DE RUÃO

memória cortada nas edições do *Compromisso*, posteriores à de 1747, cujo autor se não declara, é de João Bautista, tabelião de notas, tem a data de 1645 e encontra-se num volume manuscrito existente no Cartório da Misericórdia de Coimbra com o título: *Memorial das rendas e mais coosas da mĩa de Coimbra*, feito pelo curioso tabelião da Misericordia *para com pouco trabalho se acharem e estarem todas jumtas e mais a mão quando fosse neçesario buscaremçe porque os muitos ljuros que ha no cartorio da caza muitas vezes acomteçe seruirem de mor embaraço & confuzão de maneira que o que nelles anda espalhado aquj aCharaõ os jrmaos zellozos do bem e aumento desta caza todo jumto.*

Esperava João Bautista que, *continuando* (outros escrivães) *nesta forma com as memorias aquy Relatadas* farião *muito frutto pomdo cada couza no lugar & titullo a que toquar gouernamdosse pelo jndex que no principio deste se achara das materias q̃ se aquj comtem, & com hũa piquena cotta se fara memoria para muitos annos.*

Torna-se dispensável a descrição do frontispicio do ma-

nuscrito de João Bautista, pois o reproduzimos em *facsimile*.

O primeiro capítulo, ou memória, intitula-se FVNDAÇÃO DA / MYA DE COIMBRA. / e nêle se lê a fol. 1.:

«He tradiçaõ uulegar nesta çidade que primeiro se asentou esta confraria da santa Mja na see della dahj se passou p.a a igreia de samtiaguo na caza que ora serue de selleiro na quina da praça aomde se dizião as missas e mais obrigações da caza e se chamaua a capella da Mja como se deixa uer de huma escritura que está no liv. 2. de samtiago fol. 38 ó feita em 14 de março de 1526».

«No mesmo sittio esteue athe o anno de .1546. em que se ordenou fazerlhe noua caza da Mja sobre a igreia de samtiago como vie esta edificada como se ue do comtrato sellebrado pello prouedor simão de saa e mais jrmãos della e o prior Antº coelho e mais binifficiados da dita igreia que esta no cartorio della no liv. 3. das escrituras e tombo fol. 24 digo fol. 24 v.º».

«Os Retabollos e mais obras desta caza parece fazer aquelle grão mestre joão de Ruão como se ue de hũa quitação sua que amda no lib. dos acordos fol. 10 feita em 11 de setembro .1549».

Do manuscrito passou a curiosa notícia para o compromisso, e aí ficou sem que a preguiçosa arqueologia coimbrã se lembrasse de verificar o facto e tomar conhecimento do documento.

Esta memória de João Bautista foi reproduzida integralmente na edição imediata do Compromisso que tem a data de 1747.

Foi nessa edição que Souza Viterbo encontrou a referência a João de Ruão, e a aproveitou em uma das notas à memória — *O Mosteiro de Sancta Cruz de Coim-*

bra — publicada em *O Instituto* (vol. XXXVII, Coimbra, 1890) (1).

O dr. Sanches da Gama, professor da faculdade de Direito, muito dado aos estudos de arqueologia, tendo conseguido reunir sôbre curiosídades históricas de Coimbra um grande número de documentos, hoje dispersos, e que na ocasião em que Sousa Viterbo andava publicando o seu trabalho em *O Instituto*, encontrou por acaso o documento a que se referia o Compromisso, no cartório da Misericórdia, comunicou-o a Sousa Viterbo, ainda a tempo de este o poder inserir na colecção documental que faz o valor grande daquele seu estudo.

A lista dos provedores tinha sido publicada com o Compromisso feito à imitação do da Santa Casa de Lisboa e foi retirada das edições posteriores à de 1747, sem dúvida para poupar o trabalho de a actualizar em cada uma das sucessivas edições, o que seria aliás fácil e não levaria grande tempo.

Os editores das edições posteriores não compreenderam a utilidade do catálogo e suprimiram-no substituindo-o por outras matérias.

E por isso que as poucas páginas do trabalho de João Bautista teem, na última edição em que tornaram a ser publicadas, o triste ar de uma mutilação, e parecem ali deslocadas e fora de propósito.

No Compromisso da Misericórdia de Coimbra (1636) na memória final, lê-se ainda:

---

(1) «Na Notícia histórica que vem no final do Compromisso da Misericórdia de Coimbra, lê-se a seguinte indicação a respeito de João de Ruão:

= Os Retabolos, e mais obras desta Casa parece fazer *(sic)* aquelle grande mestre Ioão de Ruão, como se mostra de huma quitação sua, que está no livro velho dos acordos fl 10 em 11 de setembro de 1549 = » (*O Mosteiro de Santa Cruz*, pág. 98).

«Anno de 1582. em 2. de Iulho foy elleito Prouedor Dom Ioão de Bargança Bispo que foy de Vizeu, Escriuão Ieronymo de Castilho, o qual se escuzou, & em seu lugar foy elleito Antonio Leitão».

O sr. Sousa Viterbo aproveitou também esta nota do *Compromisso* na biografia de Diogo de Castilho.

Se alguem se tivesse lembrado de ir procurar o documento respectivo ao cartório da Misericórdia de Coimbra, há muito tempo estaria definitivamente assente que Jerónimo de Castilho nem foi arquitecto, nem morreu frade no mosteiro de S. Marcos.

O documento referente a João de Ruão não é de boa leitura, sobretudo na parte que mais nos poderia interessar, a enumeração das obras que fizera na igreja da Misericórdia. Há uma passagem que o dr. Sanches da Gama leu de uma forma, o cónego Prudêncio Garcia doutra, e eu ainda doutra. A leitura do sr. cónego Prudêncio Garcia, apesar da sua autoridade incontestável, é a menos justificável.

A melhor é, naturalmente... a minha.

Para que cada um possa avaliar por si, reproduzo as três leituras, e em *fac-simile* a passagem do manuscrito, cuja interpretação mais dúvidas oferece.

O sr. dr. Sanches da Gama marcou com ? os pontos da leitura que lhe pareceram duvidosos.

As duas dúvidas do ilustre professor são perfeitamente justificadas; não podem deixar de ocorrer a quem procura decifrar o documento. A última está bem lida, apesar de

(1) «Jeronymo de Castilho exerceu nos annos de 1569 e 1574 o cargo de escrivão da Misericordia de Coimbra, tendo-se escusado em 1582, sendo eleito em seu logar Antonio Leitão». Sousa Viterbo, *Diccionario historico e documental*..., 1899, vol. I, pág. 183.

mal escrita. Já não me parece poder dizer-se o mesmo da primeira.

O sr. dr. Sanches da Gama leu:

qujtaçam de João de Ruaom

Aos xj dias do mes de setẽbro de mil e q'nhẽtos e corẽta e noue anos ẽ a casa do cõselho da mja desta çidade de Cojmbra estãdo ahi o sr Simão de Saa pue^dr^ da dita cõfraria e bẽ asi y^o^ do Ruão e p q̃ o dito y^o^ de Ruão tinha fej^tas^ obras ẽ a dita casa da mja de q̃ lhe são fei^tos^ cõtratos .s. as capellas e retavolos e *bãcada* (?) e foy logo fej^ta^ cõta p^r^ os livros e papes da dita cõfrarja cõ o dito y^o^ de Ruão e fei^ta^ a dita cõta se achou q̃ o dito y^o^ de Ruão tẽ Recebido da dita cõfraria cjncoẽta e sete mil e quatro cẽtos e vinte rs e o t'go e ceuada e azejte e asi tẽ mais Reçebido o tgo e v^o^ q̃ lhe a cõfrarja hera obrigada a dar e fej^ta^ asi a dita cõta lhe ficava devẽdo ha dita cõfraria quatro mil e quinhẽtos e outẽta rs os quaes logo o dito y^o^ de Ruão Recebeo da dita cõfraria p m^te^ martinho Jrmão da dita casa p o q̃ todo o dir^o^ q̃ o dito y^o^ de Ruão tẽ Recebido soma sesenta e dous mil rs e o tgo e v^o^ q̃ lhe herão obrigados a dar p^r^ as ditas obras e p^r^ o dito y^o^ de Ruão *ser* (?) pago de tudo o q̃ avia de aver das ditas obras deu p^r^ q'.te e liure a dita cõfraria e acabara *(acabará)* de faz^r^ o cruçifixo digo q̃ fara o Remate sobre o p^r^tal e não fara o cruçifixo e ẽ testimunho de verdade eu g^co^ de Resende stp^vão^ fiz esta q'tação e asinão aq' eu stp^vão^ acejtej ẽ nome da cõfrarja g^co^ de Rsde o stpvi.

Symão de saa — *Joham de Rouam g.^o^ De Rsde*

Sousa Viterbo acompanhou a publicação do documento da nota:

«Depois de entrado no prelo o nosso trabalho, foi-nos ministrada copia d'este documento encontrado pelo sr. dr. Sanches da Gama no Archivo da Misericordia. A elle se refere o respectivo *Compromisso*, do qual possuimos a edição de 1747. Pedimos a um distincto cavalheiro, habilíssimo antiquario, o obsequio de procurar esse documento, mas n'essa occasião não lhe foi possível alcança-lo. Felicitamo'-nos com o achado, e agradecemos a fineza que nos permitte que pela primeira vez seja aqui dado a publico».

O sr. dr. Sanches da Gama não disse onde o tinha encontrado. Não fazia isso, neste caso, diferença de maior; porque o documento é mais fácil de encontrar... do que de lêr.

O distinto cavalheiro e habilíssimo antiquário, a que Sousa Viterbo se refere, e que não sabemos se é vivo, se morto, não o encontrou..., porque o não procurou.

Não há meio de não dar com o documento, desde que se tenha o trabalho de o procurar, no livro mais antigo dos acordos, que naturalmente deve ser o L.º I.

Aí, logo a fôlhas 15, o encontrou o cónego Prudêncio Garcia que o publicou a pág. 196 e 197 do livro *João de Ruão*, que eu prefaciei:

qujtaçam de João de Ruaom

Aos xj dias do mes de sete*m*bro de mill q*ui*nhe*n*tos e core*n*ta e noue anos e*m* a casa do cõselho da m*isericord*ia desta cidade de cojnbra estãdo ahi o sr. simão de saa p*ro*uedor da dita cõfraria e be*m* asi Yº de Ruão e porq*ue* o dito

Y° de Ruão tinha fejtas obras e*m* a dita casa da m*isericord*ia de q*ue* herã fejtos cõtratos .S. as capelas e Retauolos e varãda. E foy logo fejta cõta p*or* os liuros e papes da dita cõfraria cõo dito Y° de Ruão.

E feita a dita cõta se achou q*ue* o dito Y° de Ruão te*m* Reçebido da dita cõfraria cjncoe*n*ta e sete mil e quatro ce*n*tos e vinte rs e o t*r*igo e ceuada e azejte e asj te*m* mais Reçebido o t*r*igo e v*inh*o q*ue* lhe a cõfraria hera obrigada a dar.

E feita asi a dita cõta lhe ficaua deue*n*do ha dita cõfraria quatro mil e quinh*e*ntos e oute*n*ta rs os quais logo o dito Y° de Ruão Reçebeo da dita cõfraria p*or* mestre martinho Irmão da dita casa. P*or* o q*ue* todo o di*nhei*ro q*ue* o dito Y.° Ruão te*m* Recebido soma sesenta e dous mil rs e o t*r*igo v*inh*o q*ue* lhe herão obrigados a dar p*or* as ditas obras e p*or* o dito Y° de Ruão se*r* pago de todo o q*ue* avia de ave*r* das ditas obras deu p*or* q*ui*te e liure a dita cõfraria. E acabara de faze*r* o Cruçifixo digo q*ue* ffara o Remate sobre o p*or*tal e não fara o Cruçifixo. E e*m* testimunho de ve*r*dade eu g.lo de Resende scpuão fiz esta q*ui*tacão e asinão aq*ui*. Eu scpuão acejtej e*m* nome da cõfraria Gco Resende o scpui.

Ioham de Rouam — symão de saa — G.o De Rsde.

Eu leio:

qujtaçam de João de Ruaom

Aos xj dias do mes de setẽbro de mill e q̃nhẽtos e corẽta e noue anos ẽ a casa do cõselho da mj̄a desta cdade de Cojmbra estãdo ahi o sr̄. simão de saa puedor da dita cõfraria e bẽ asj y° de Ruão e p̄ q̃ o dito y° de Ruão tinha fejtas obras

ẽ a dita casa da mȷ̃a de q̃ herão fejtᵗˢ cõtratos .s. as capellas e Retauolos e vasados e foy logo fejᵗᵃ cõta p̃ os liuros e papes da dta cõfrarja cõ o dito yº de Ruão e fejᵗᵃ a dita cõta se achou q̃ o dito yº de Ruão tẽ Recebjdo da dita cõfrarja cjncoẽta e sete mil e quatro cẽtos e vinte r̃s cõ tigo e çeuada e azejte e asj tẽ mais Reçebido o tigo e vº q̃ lhe a cõfrarja hera obrigada a dar e fejᵗᵃ asi a dita cõta lhe ficou deuẽdo ha dita cõfraria quatro mil e qujnhẽtos e outẽta r̃s os quais logo o dito yº de Ruão Reçebeo da dita cõfraria p mᵗᵉ martinho Jrmão da dita casa p̃ o q̃ todo o dirº q̃ o dito yº de Ruão tẽ Recebido soma sesenta e dous mil r̃s e o tigo e vº q̃ lhe herão obrigados a dar p̃ as ditas obras e p̃ o dito yº de Ruão s̃ pago de todo o q̃ avya de aṽ das ditas obras deu p̃ q̃.te e liure a dita cõfraria e acabara de faz̃ o cruçifixo diga q̃ ffara o Remate sobre o p̃tal e não fara o cruçifixo e ẽ testimunho de ṽdade eu gᶜᵒ de Resende estpvão fiz esta q̃tação e asinão aq̃ eu stp̃vão acejtej ẽ nome da cõfrarja. g.ᶜᵒ de Rsde o stp̃vj

joham
de Ruam

simão de saa (1) .gº. De Rsde

---

(1) *Arquivo da Misericordia de Coimbra*, Doc. antigos, tom. 22, pág. 15 e 15 v.º

IV

OS CASTILHOS

S trabalhos modernos de história da Arte Portuguesa tornaram conhecidas muitas personalidades com êste apelido, que é de origem espanhola. A esta família pertenceu o grande poeta Castilho.

Como artistas, trabalhando no século XVI em Portugal, teem sido apontados João de Castilho, que em 1517 dirigia as obras do mosteiro de Belem, Diogo de Castilho, que aí trabalhava, na mesma época, sob as ordens do irmão, Gonçalo de Castilho, que em 1518 trabalhava nas mesmas condições de Diogo, e Jerónimo de Castilho, filho de Diogo de Castilho, que Raczynski inscreveu no seu dicionário (pág. 44), como arquitecto militar.

João de Castilho não trabalhou em Coimbra. Não se encontra um só documento referente a êle nos arquivos desta cidade.

Em compensação, são numerosos os referentes a Diogo de Castilho que estabeleceu residência em Coimbra e aqui constituíu família.

De Gonçalo de Castilho nada mais se sabe que a pequena nota que deixamos acima.

Diogo de Castilho é muitas vezes designado por *o biscainho* nos documentos e manuscritos que a êle se referem, por ser natural de Cudeo, nas montanhas da Biscaia.

Eram os Castilhos de origem nobre e tinham armas, assentes e registadas no *Livro da Nobreza* para poderem usar delas em Portugal, por carta de D. Sebastião, de 7 de Janeiro de 1561. O pedido que motivou esta carta foi feito em nome de António de Castilho, Pero de Castilho, Diogo de Castilho e Manuel de Castilho, *todos irmãos e filhos de J.º de Castilho, defunto*, o que não exclui a possibilidade de Gonçalo de Castilho ser irmão de Diogo e João, por poder ter morrido já à data da petição.

Nesta petição dizem os Castilhos que *auya mais de cymquoenta anos que ho dito Ioão de Castilho seu pay se viera viuer a estes Reynos*, o que dá a data da vinda dos Castilho para Portugal no princípio do século XVI, ou talvez um pouco antes.

Supõe-se que tivessem sido chamados pelo bispo de Vizeu D. Diogo Ortiz e que a êles se deva a curiosa abóbada da Sé, acabada em 1513.

É possível, porêm, que a sua vinda tivesse sido determinada pelas obras do bispo de Braga D. António de Sousa. Em Braga existe ainda hoje uma rua com o nome *dos biscainhos,* que lhe ficou dos artistas que o magnífico bispo mandara vir de Biscaia e que se estabeleceram na proximidade das obras.

Diogo de Castilho foi, segundo as indicações do *Compromisso*, duas vezes provedor da Misericórdia de Coimbra: uma em 1563-564, outra em 1566-567.

No *Cathalogo dos Senhores Provedores e Escrivaens da Santa Casa da Misericordia de Coimbra*, elaborado, como dissemos, em 1860 pelo *Cartorário-Secretário* António de

Moura e Freitas, vem o registo destas nomeações a pág. 27 e 30.

A eleição de provedor era coisa muito falada e discutida em Coimbra no século XVI.

Não havia, na cidade, lugar de maior consideração: disputavam-no os bispos, os reitores da Universidade e os dos colégios reais de S. Pedro e S. Paulo, os cidadãos mais nobres, os fidalgos que viviam a dentro da cidade e aqui levantavam os palácios armoriados, cantados pelos poetas de então em sonorosos versos latinos, paços hoje em ruinas, sem ninguem se lembrar já das famílias ilustres que ali moraram, tão silenciosos que não há riso alegre de escolar novo que ali não morra abafado ou se não transforme num rir baixo, sêco e áspero, de velho, triste, desconsolado, frio . . .

Em dia de eleição corria, logo de manhã o porteiro a cidade, de cruz, badalando com a campaínha da irmandade, cujo som era conhecido de todos, até das criancitas da rua que o imitavam nas procissões que faziam, a brincar, nas tardes quentes de verão.

E era de vêr como àquele som compassado e triste, que tantas vezes chorava a morte de um irmão, os ricos negociantes da *Calçada,* que era então uma das melhores ruas do Reino, e os ourives da apertada e escura rua do Coruche, abandonavam as lojas para se reunirem onde tinham o hábito de conversar às horas da sesta ou ao fim do dia, para discutir e preparar a eleição que ía fazer-se.

Reunidos na casa da Misericórdia a mesa, os irmãos do número cento e cincoenta, lia o capelão os artigos do compromisso que diziam respeito à eleição, distribuiam-se papeis aos eleitores e êstes elegiam os confrades que deveriam fazer a eleição definitiva e que eram dez, cinco dos irmãos

nobres, e outros cinco dos de menor condição. Estes reuniam-se dois a dois, faziam as pautas que eram vistas e limpas pelo provedor e escrivão e capelão, proclamando estes o resultado da eleição.

Eram considerados tão honrosos os lugares de oficiais da Misericórdia, que nenhum dos nomeados se escusava senão por motivo forte e bem conhecido de todos.

Na acta que transcrevemos, da primeira nomeação de Diogo de Castilho, encontrará o leitor, na linguagem da época, mais colorido êste quadro do viver antigo dos vizinhos de Coimbra:

emleycaõ do provedor e irmaos deste ano de 564

aos dous dias do mes di julho de mjll e qujnheytos e sesenta e tres anos nesta casa da m͡ja desta cydade de cojnbra sendo chamada toda a irmadade pelo porteyro da casa com capa e crus segudo costume da casa estado presete y° de beja provedor e irmaos da mesa ẽ este ano q̃ se ora acabou servimos e pelo capelaõ da casa foy lydo ho comprymjso quaõto toqua a maneyra q̃ se deve ter na emleycaõ de provedor e irmaõs e lydo ho djto comprymjso sendo juntos os irmaõs do numero dos çeto e cycoeta foraõ dados papejs em q̃ cada hũ dos irmaõs pos o seu nome e foraõ lacados em dous vasos .s. os nomes dos irmaõs nobres em hũ vaso e os nomes dos irmaõs de menor comdycaõ em houtro vazo e foy chamado hũ mjnjno q̃ tirou de cada vazo cỹco papejs em os quajs saiRaõ p̃ emleytores dom allvaro e symaõ R͡iz d° aRanha jorge fr̃z coRieyro guaspar couseyro d° vaz allfajate ant° mõteyro domjguos glz cyRjeyro d° de castjlho, joaõ frz os quaes dez emleytores tomaraõ juRam^to^

dos sãtos avagelhos e prometeraõ comforme ao comprymjso ẽleger provedor e irmaõs q̃ sirvaõ esta comfraRja de nosa sra da mj͡a o ano q̃ hora comeca no presete dia e se acabara p̃ houtro taĩl dya do anno q̃ vem e apartadose de dous en dous fyzeraõ suas pautas q̃ emtreguaraõ ao provedor e a mj̃ escryvaõ q̃ foraõ vistas e se alyparaõ per nos com o capelaõ da casa e com os irmaõs da mesa e as majs vozes sajRaõ p̃ hofycyaes os seguytes prymeyram[te] saio p̃ provedor di[o] de castjlho escryvaõ y[o] glz de syqueyra irmaõs da mesa ant[o] fr[a] guomes de fygueyredo e guaspar malheyro estevaõ daRes guõcalo vaz capos fr[co] fr̃z cyRieyro ayRes fr̃z eytor fr̃z p[o] d͡iz de ... symaõ martjs capateyro y[o] fr̃z chapyneiro e eu d[o] marmeleiro escryvaõ da casa q̃ este termo fiz

dj castilho

Ant[o] fR[ra]

guomez
de ffig[do]

fr[co] fr̃z

j[o] vaz cãpos

. . . .

. . . .

p[o] diz

gaspar Malh[ro]

. . . .

Êste documento, como outros que se conhecem sôbre Diogo de Castilho, mostram que êle gosava então em Coimbra da máxima consideração.

Desde Janeiro de 1561 que êle tinha licença de usar o brasão de sua família: *De verde, castelo de prata, com portas e frestas e lavrado de negro, sobrepujado por uma flôr de lis de oiro na torre do meio e sustentado por dois lebréos assaltantes de prata, coleirados de vermelho, e presos por umas cadeias de oiro que saem das bombardeiras, T.:*

um dos lebréos. E. de prata, aberto, guarnecido de oiro. P. e V. de verde e prata.

Em Coimbra, teve sempre Diogo de Castilho uma situação priviligiada. Não admira, por isso, a sua nomeação para provedor em 1563-564 e 1566-567.

A sua nova eleição para o mesmo lugar em 1566-567 foi mais uma prova da consideração em que era tido na cidade e dos serviços que prestara à Misericórdia a primeira vez que fôra nomeado.

A acta da segunda eleição de Diogo de Castilho anda, como dissemos, a fls. 140 do mesmo tomo, e é feita nos mesmos termos da precedente, o que nos dispensa de a transcrever.

Nessa data (2 de julho de 1566), foram eleitos: para provedor Diogo de Castilho, para escrivão João Gonçalves de Sequeira e para irmãos da mesa o dr. Jorge de Sá, Rodrigo Homem, o licenciado amt^o margalho, o licenciado Gonçalo Vaz Campos, Gomes de Figueiredo, João Fernandes chapineiro e Diogo Vaz corrieiro, Heitor Fernandes, mercador, Francisco Fernandez cerieiro, Domingos Negrão alfaiate e Simão Rodrigues çapateiro.

Estas actas não nos dão particularidades novas da vida dos Castilhos, mas, se no encalço dêstes documentos, continuassemos folheando, encontrariamos a fls. 202 v.º:

eleiçaõ dirmãos pª seruyrẽ na mesa

Aos vȳte e dous dyas do mes dagosto fazemdo mesa o prouedor e jrmãos abayxo asynados se tratou ẽ como Jeronymo de Castylho escryvaõ da casa estaua Jmpedydo na sua quytam polo faleccymᵗᵒ de seu pay q̃ dš tẽ ꝑo o q̃ era nezesaryo ẽleger escrivaõ ẽquãto durase o Impedymᵗᵒ ao dto

Jeronymo de castilho e loguo o prouedor tomou os uotos e ẽlejeraõ as mais uozes a dº aranha Jrmaõ da mesa q̃ s̃uyse de escryvaõ e Juntamte as mays uozes foy eleyto pa Jrmaõ da mesa ẽ lugar do dto dº aranha a Jeronymo bramdaõ Jrmaõ pa s̃uyr ẽquãto durar ho Jmpedymto acyma escryto e loguo o prouedor deu Juramto ao dto Jeronymo brandaõ q̃ cõforme ao cõpromyso s̃uyse ẽquãto duraua esse Jmpedymto e eu dº aranha chaues q̃ jsto escrevy oJe xxij dagosto de 1574 annos

frrco pra de Saa pvdor

Dº aranha Chaues

Symaõ trauaços ....

frco annes

frco diaz Simaõ mjz

framcisco bernalldez

Sarrão pimitel

Jeronimo.......

Donde se conclui que Diogo de Castilho morreu antes de 22 de Agosto de 1574, e que o filho Jeronimo de Castilho estava na sua quinta do Roll. ¿Teria lá morrido Diogo de Castilho?

Responde à pergunta a acta que anda a fl. 114 do tomo 19 dos *Documentos Antigos*, que os arqueólogos coimbrões deixaram inédita, dando-me o prazer de ser eu o primeiro a publica-la:

«aos dezoyto dias do mes dagosto na casa do despacho da mĩa estando presẽte ho sór frco pra de saa prouedor e os mays Jrmaõs Juntos de vyrẽ de emterar a dº de castylho q̃ ds̃ tem noso Jrmaõ q̃ foy e todos Jumtos o prouedor lhes dyse q̃ votasẽ e ẽlejesem Jrmaõ ẽ lugar do dto defumto cõ-

forme ao compromyso e calydades q̃ se Requeryam todos uotaraõ e ẽlejeraõ as mays uozes a fr[co] cotrym ao quall ho prouedor deu Juram[to] dos santos euãgelhos q̃ bem e uerdadeyram[te] s̃uyse de Jrmão e elle asỹ o prometeo pelo Juram[to] q̃ tomou de ser obedyẽte e s̃uyr com delyJemcya comforme (sic) e eu d[o] aranha chaues q̃ ora s̃uo descriuaõ q̃ esto fiz oJe xviij dagosto de 1574 annos

ffrr[co] p[ra] de saa pv[dor]

d[o] aranha chaues .... de vasconcellos

Symão trauaços

fr[co] diaz ffco annes

francisco bernalldez

simão mjz

fr[co] cobryra

1574 cotrym»

Donde se conclui que Diogo de Castilho se enterrou em Coimbra em 18 de Agosto de 1574, data que Sousa Viterbo ignorou.

Diogo de Castilho estava em Portugal desde o comêço do século XVI. Morreu por isso com mais de oitenta anos.

De Jeronimo de Castilho escreveu Raczynski *(Dict.)*:

«CASTILHO (Ierome de), *architecte*. «Il est nommé dans un ordre du Roi, relatif à la forme du bastion de Mazagão». (*Corp. chron., partie 1[re], paquet* 72, *doc.* 68)».

Souza Viterbo publicou o documento citado por o conde, acompanhando-o das seguintes reflexões: *A terceira* (carta, o documento 68) *estava no Indice do* CORPO CHRONOLOGICO, *attribuida a Jeronymo de Castilho. Esta circunstancia enganou o visconde de Juromenha, que informou por isso erra-*

damente Raczinski, que collocou Jeronymo de Castilho no seu Dictionnaire *como autor da carta e como um dos architectos de Mazagão.*

O arquitecto de Mazagão é portanto João de Castilho e não Jeronimo de Castilho; mas não invalida o documento a hipótese de ter sido o Jerónimo arquitecto e escultor, como o pai.

Por outro lado, Fr. Nicolau da Cruz faz Jerónimo de Castilho monge no mosteiro de S. Marcos e afirma que ali morrera:

«O P.e Fr. Jeronimo de Coimbra / chamado depois de Castilho / foi filho de pais ricos, e taõ nobres como o apellido da familia dos Castilhos. Recebeo o habito em 1565 sendo Prior Fr. Fr.co de Barcellos, q̃ o professou em 1566. Foi este religioso de vida mui exemplar, e de m.to credito e utilidade pa este Mostr.o e se naõ fora a inadvertencia e negligencia d'alguns Prelados lucraria esta Caza a herança q̃ de seus pais lhe cabia em sorte q̃ era a quinta do Rol por baixo d'Ançãa com as conveniencias dos rendim.tos q̃ todos sabem. Falleceo deixando de si mui boa opinião».

Todas estas dúvidas, como as da data desconhecida da sua morte, estariam há muito tempo resolvidas se alguem tivesse seguido as indicações do *Compromisso.*

Êste diz na verdade:

«Anno de 1582. em 2 de Iulho foy elleito Prouedor Dom Ioão de Bargança Bispo que foy de Vizeu, Escriuão Jeronymo de Castilho, o qual se escuzou & em seu lugar foy elleito Antonio Leitão».

Procurando a acta respectiva lê se a fl. 295 do liv. 1 dos *Acordos:*

Termo da Eleiçaõ de Escriuaõ desta casa da M͡ja em lugar de Jr.mo de castilho q̃ se Escusou pellas causas no Asento declaradas./.

«Aos 3. dias do mes de Julho de 1582. años em a casa do despacho da M͡ja desta Cidade de Cojmbra, estando presentes o Sõr dom Joã de Bargança Prouedor o año presente da dita casa. E os mais jrmãos da mesa q̃ nouam.te sairaõ Elejtos, ahi pareçeo chamado de mãdado do dito Sõr Prouedor Jr.mo de Castilho q̃ saira Eleito por Escriuaõ geral q̃ ontẽ se fez dia da uisitaçaõ de nossa sr̃a, pª lhe ser dado juramento q̃ bem E v̄dadeiram.te seruisse o dito cargo, E elle antes de o tomar pedio L.ca pª dar certas rezões p.ª ser Escuso de seruir o tal cargo, E logo dise q̃ Elle em sua consçiencia não podia seruir o dito cargo polla cõtinua residençia q̃ requeria na casa, o q̃ não podia fazer por rezaõ da grangearia cõtinua q̃ tinha na sua quitãa de q̃ uiuia, e estaua de caminho amanhãa cõ sua casa E familia pª ir p.ª Ella a recolher sua nouidades ate todo outubro, q̃ portanto o Escuzassẽ de tal cargo E q̃ seruiria de Jrmão da mesa pareçendo lhes E elegendo outro q̃ milhor seruisse em lugar de Escriuão, sobre o q̃ se tomarão os uotos, E aos mais se lhe açeitou a Escusa por serẽ a todos notorias. E logo uotaraõ em outro Escriuão, E p todos sajo Elejto Antº leitão por ser p.ª desocupada, E q̃ de cõtino tinha deuasaõ ao seruiço desta casa, ao qual por estar presente foi pello dito sñor Prouedor dado Juramto q̃ bem E v̄dadeiram.te sirua o dito cargo cõforme ao cõpmisso e assento da noua Eleiçaõ, E asi o pmeteo, E asinou aqui cõ o dito sñor Prouedor E jrmãos. E eu o l.do Antº dias da Costa Irmão E pdor da casa

q̃ este termo fiz de m.[do] do sñor Prouedor dia, mes, E año ut s[ra] / . diz a Emtrelinha / por Escriuão

Dom Joaõ de Barg.[ça] P.[or]

Amt[o] leitam

fr[co] Simões

joam carvalho

p[o] diaz
villalobos

m[el]

p[o] amRiq̃

Simão fr.[a]

luis alues

acursio mascarenhas

Costa

joam»

Donde se conclui, sem sombra de dúvida, que Jerónimo de Castilho não tinha outro modo de vida do que agricultar a sua quinta do Rol, e que não era frade em S. Marcos; porque tal cargo era incompatível com o de oficial da Misericórdia de Coimbra.

E quanto à morte (para acabarmos de vêz com erros muito repetidos), lê-se a págs. 320-321 v.º do tomo 19.º dos *Documentos antigos:*

Ellejcaõ q̃ se fez nesta Sancta casa da misericordia da cjdade de Coimbra de nosso Jrmaõ Agostinho maldonado em lugar de nosso Jrmaõ Hyeronymo de Castilho q̃ nosso sñor foi seruido de leuar pera sim na cjdade de lejria

«Aos vimte e sinquo dias do mes de Janejro do presente anno de mil e seis centos e quatro annos nesta cjdade de Coimbra e casa do despacho da misericordia della onde es-

taua presente o snor Nicolao leitaõ Montr.º Conego prebendado na see da dita cjdade E tisourejro della E prouedor o dito anno da dita casa. logo por elle sñor prouedor foi proposto em mesa aos Jrmãos abaixo asinados q̃ nella seruẽ em Como deus fora serujdo leuar pera sim a nosso Jrmão Hyeronjmo de Castilho o qual fallecera na cjdade de lejria fora desta pello que a ellejçaõ de nosso Jrmaõ Competia a esta mesa som.te e naõ a toda a Jrmandade Conforme ao Costume e asento desta dita casa pello q̃ pois o dito lugar estaua vago E avia algũas pesoas q̃ o tinhaõ pedido q̃ elles Jrmaõs votassem naquelle q̃ lhes paressesse mais auto e sufficiente pera isso: e logo elle Snor puedor Comigo Saluador homem dalmejda escrivaõ da dita casa tomou os votos dos ditos jrmãos e saiu ellejto no dito luga (sic) aos mais votos Agostinho maldonado: o qual foi logo chamado a esta mesa e lhe foi dado juramto; por elle sñor provedor dos Sanctos Evangelhos pello qual prometeu bem e uerdadejram.te seruir esta Casa proCurando em quanto poder todo o prol, e bem e utilidade della obedecendo ao snor prouedor E Seus mandados q̃ hora he e ao diante for in licitis et honestis de q̃ todo mandaraõ fazer este termo q̃ elle Snor prouedor Comigo escriuaõ e o dito agostinho maldonado E os mais Jrmãos todos asinaraõ no dito dia mes e anno q̃ saluador Romeu dalmda escriuaõ da dita casa o escreuj

o puedor Nicolao leitão — Ag.no Maldonado — Saluador Romeu dalmda — baltezar da costa — EstaCio ferraz — A Bicalho...... — matheos tauares — domĩgos Coresma — Amtº Moreira — Atº de Gouuea — ...... Hieronimo Jusarte — Miguel da maya — Cosme de baena fr̃z.

Ficando por isso assente de vez que Jerónimo de Castilho não foi arquitecto e morreu em Leiria no mês

de Janeiro de 1604, tão velho como seu pai Diogo de Castilho.

Não pode, porêm, pôr-se em dúvida, que houve um Jerónimo de Castilho que foi monge em S. Marcos. Era filho do Jerónimo de Castilho, e neto de Diogo de Castilho. É mais um filho a acrescentar aos conhecidos já.

Conclui-se isto do têsto do *Catalogo dos Priores do Mostr.º de S. Marcos*, de Fr. Nicolao da Cruz, onde a páginas 26 e 27 encontrei:

«Teve (Fr. Manoel de Castello de Vide) huã Sentença em Coimbra dada contra os Castilhos sobre a legitima de Fr. Jeronimo de Castilho filho deste Mostr.º, a qual importava em 600:000 rs. Na primr.ª instancia se puzeraõ os demais irmãos herdr.os em demanda contra este Convento, e p.r dilatarem o pleito negavaõ q̃ o Mostr.º fosse herdr.º: contra elles se deo p.r isto Sentença. Tiveraõ os religiosos deste Mostr.º Provizaõ do Rei p.ª q̃ o Provedor da Comarca viesse faser as partilhas dando a cada hum o seu. Assim se fez e entregou a este Convento os 600:000 rs. em bens moveis e de raiz, de q̃ o Convento esteve de posse, das quaes partilhas aggravou Joaõ Castilho, q̃ era o Jrmaõ mais velho disendo q̃ lhe fisessem bom o dote q̃ seu Pai e Mãi lhe fiseraõ alem das terças, do qual aggravo veio provido: Veio este Mostr.º requerendo sua just.ª mostrando ser o tal dote inofficioso / como era / pois se naõ compadecia ficar o d.to Joaõ de Castilho com sete mil cruzados de dote, e os outros Jrmãos com 200:000 rs. cada hum. E por conhecer a m.ta just.ª q̃ este convento tinha, havendo juntam.te seu conselho vinha a concerto com os religiosos de lhe dar cada anno p.ª sempre quatro moios de trigo de renda, e q̃ desistissem da demanda: e o Convento naõ quiz acceitar este concerto, mais p.r teima, do q̃

p.r esperar mais interesse: naõ se lembrando de q̃ = sanha de vilhano, perda de su casa = e = mais vale hum ruim concerto, do q̃ huã boa demanda. Correo o pleito, e depois de m.tos tempos veio hum Prior q̃ p.r concerto acceitou 140:000 rs. em dr.o depois d'andarem em demanda quatro annos: e deste modo veio o Mostr.o a perder os 4 moios de trigo de renda, e o direito q̃ podia ter á de mais fazenda juntam.e com quinta do Rol, a qual nos tempos d'agora he huã das boas e rendosas fasendas q̃ p.r estes sitios se achaõ» (1).

E com esta novidade fecho o capítulo que ameaçava não ter fim.

---

(1) Cfr. Dr. Teixeira de Carvalho, *S. Marcos*, págs. 11 e 118.

V

IOÃO BAUTISTA

OÃO Bautista, o curioso tabelião de notas, a quem se deve o *Memorial* em que se encontram as referências aos artistas de Coimbra que temos estudado nas páginas anteriores, era tambêm recebedor das décimas e uma das mais consideradas personagens da burguesia coimbrã do seu tempo.

Morava perto da Praça (a *Praça-Velha* de hoje), na escondida e pequenina rua Velha, na casa que lhe deixara a sr.ª D. Jeronima Pereira e que por morte dêle deveria reverter para a Misericórdia e constituir o dote de uma orfã.

Era a melhor casa da rua, de compartimentos vastos e espaçosas lojas que a sua bondade transformara em celeiro dos vizinhos, cheias de arcas de castanho chapeadas de ferro, seguras como cofres para arrecadar ouro ou prata, a transbordar de milho e trigo.

Não faltavam tambêm os grandes potes de barro de Sevilha ou da terra, cheios de azeite e as pipas em que conservava os vinhos das quintas que tinha em Eiras e em Valmeão, junto da pequenina ermida de Santa Comba, muito cantada pelos sonorosos versos latinos de Inácio de

Morais, mas que, ao seu tempo, mal conhecida era já de escolares e se ía desmoronando ao abandôno.

Foi êle que a reparou e lhe fez a sacristia que hoje tem. Fôra a obra determinada em vida de sua primeira mulher Antónia Monteiro e mandada fazer no testamento de mão comum que ainda hoje se conserva no *Cartório* da Misericórdia. Tendo a mulher morrido primeiro, João Bautista cumpriu religiosamente essa e as outras disposições do testamento e de tudo deixou nota num documento que por muito curioso vai adiante transcrito.

Tanto êle, como a primeira mulher, Antónia Monteiro, eram muito religiosos, tementes a Deus, devotos do nosso patriarca S. Francisco, irmãos de todas as confrarias de Santo António que havia na cidade: a do mosteiro de Santa Cruz, a de Santo António da Pedreira e a de Santo António dos Olivais.

A primeira mulher chamava-se, como dissemos, Antónia Monteiro e daí vinha talvez a devoção dos dois por Santo António.

Em casa vivia Antónia da Costa, sobrinha de Antónia Monteiro, e uma rapariga chamada Comba, que tinham criado desde pequenita. A ambas casou em quanto vivo, mas no testamento havia verbas para a duas se poderem, *casar ou meter freiras*, como quere o rifão antigo.

João Bautista tinha amor à casa da rua Velha, e tanto que pedia em testamento não retirassem dela os dois armários grandes que faziam o adôrno de uma das salas (1).

---

(1) É esta uma das curiosas dispesições do testamento:

Os nossos almarios grandes que temos nas casas da Rua Velha en q̃ moramos, que por nossas mortes uem tambẽ a s.ta Misericordia por lhos deixar em seu testamento a mesma Ieronima Pereira queremos que fiquẽ nas ditas cazas, e dellas senão tirem, por ser ornato dellas.

O escritório tinha seis cadeiras de couro, de pregaria miuda, a que queria como às meninas dos seus olhos e um bufete rico, de madeira escura, com embutidos de marfim, sôbre que se erguia triunfante um grande S. Francisco de vulto, a que um luxuoso vestido de seda não conseguira alegrar os olhos lacrimosos (1). Em volta, as estantes com os livros da décima. Em pequenos cofres chapeados de ferro e pintados, os papeis de mais circunstância. Num escritório pequeno os de sua fazenda. Na parede um quadro com N. Sr.ª do Repouso. Iluminava o escritório o resplendor grande de S. Francisco, de prata fina, a tremer mal se punham os pés no sobrado, velho mas sempre muito limpo.

Na grande arca de cedro, a roupa branca; lençoes de linho, toalhas que se poderiam pôr num altar.

No quarto de dormir: o leito, antigo, de madeira dourada, com cortinados de terciopelo roxo (2), o oratório com ima-

---

(1) Em um dos codicilos do testamento são estes objectos assim descritos:

«*Aos Religiosos do Collegio de Sam pedro se dara o meu Sam francisco de vulto q̄ esta no meu escritorio Com mais dous mil rs Com hum Resplandor de sua Cabessa se eu ainda lho nam tiuer fejto he asim mais o boffete Com fios de marfim que esta de-Bajxo do mesmo Santo e huma lamina da Senhora do Repouzo que tudo esta em meu escritorio*».

E no testamento:

«*a mea duzia de Caldeiras tamaradas com brochas miudas que estam Em meu escritorio e dous cofres pretos que estam na minha Camara...*»

(2) O testamento de João Bautista ficou arquivado nos *Livros dos Testamentos*, n.º 3, a fls. 4 e segs.

Por êle se sabe que era casado com Antónia Monteira e deveriam ser enterrados os dois na capela de N. Sr.ª do Rosario do convento de S. Domingos, junto às escadas da capela, da parte da epistola, onde tinham já terreno comprado.

Deixavam tudo à Misericórdia com excepção de pequenos legados.

Do seu ofício de tabalião deixava herdeiro António da Costa, no caso de o não ter renunciado noutra pessoa antes de morrer, sobrinho da mulher, que com êles vivia.

Nêle se lê:

Á confraria de Santo António de Santa Cruz, de que eram irmãos, deixaram: *o*

gens curiosas (1), dois cofres pretos. Pela casa, alcatifas da China (2), nos armários porcelanas da China e do Japão e daquela louça que vinha de Lisboa e era tão apreciada como a oriental.

Em arcas, a prata e os objectos de ouro de maior valor (3).

Antónia Monteiro trajava ricamente e vinham as mulheres à porta quando ela passava com o marido para as festas no convento de Santa Cruz, paramentada como uma Nossa Senhora, a mão direita levantada brincando com a pêra da sua rica corrente de ouro, a esquerda caida, perdendo-se nas dobras rijas da roupeta de chamalote (4).

Poucas são as notas dos outros tabeliães no manuscrito de João Bautista, mas, apesar disso, o seu trabalho não foi

---

nosso pauilhaõ de tercio pello roxo com capello de tella pª huãs cortinas do altar sendo sufficiente.

(1) Por outra verba do mesmo testamento deixou aos padres de Santo António dos Capuchos, de quem eram tanto êle como a mulher irmãos, àlêm de 20:000 reis em dinheiro, *o nosso Oratorio de Christo crucificado, cortinas, con mais o menino Iesu Santo Antonio Sam Ioaõ Baptista, e huã alcatifa da China das que temos melhor.*

A Santo António dos Olivais meia dúzia de lençoes de linho, novos, para a enfermaria *e mais huã alcatifa a melhor que se achar, tirando a da China que deixamos aos Capuchos da pedreira.*

(2) O testamento manda ainda dar:

Ao colégio de S. Pedro dos Terceiros da penitência, *o nosso S. Francisco com o Christo como esta con mais a nossa lamina da Sra do Repouzo e dous mil Rs para uestir o Santo de Sayal, naõ estando elle ja uestido delle ao tal tempo.*

(3) Do testamento:

«*Á Confraria de nossa senhora do Rosario de que tambem Sou jrmaõ se lhe dará da minha prata pezo de outo mil rs pera ajuda da mesma Confraria fazer hum uazo de lauatorio pera Cumunham que nam tem e entreguara esta prata na maõ de hum ouriues pera que o façã e tenha effeito esta minha tensam.*

(4) Antónia Monteira deixou à Senhora do Rosário do Convento de S. Domingos: *a minha cadea de ouro con sua pera que passava de ualor de uinte mil Rs p.ª a mesma Sra a ter ao pescoço ou para se comprar hũa pessa de q mais necessite a mesma Sñra e se lhe dara mais o melhor uestido que tiuer ao tempo da minha morte a saber saya e roupeta.*

esteril: encontra-se referência a êle em muitos documentos da Misericordia de Coimbra e pode considerar-se como origem e orientação dos trabalhos que mais tarde fez o douto António de Moura e Freitas e doutros da mesma natureza existentes ainda no curioso cartório da benemérita corporação coimbrã (1).

Mereceram-lhe sempre especial cuidado as coisas do cartório e em umas *Memorias* que deixou no mesmo manuscrito de *algumas couzas de Reparo a que conuem acudir com briuidade posto que não notadas em seus luguares* e que escreveu para desobrigar sua consciência daquilo a que o obrigava o juramento de irmão, lê-se:

¶ Conuem muito aRumar o Cartorio desta .s. caza e tirar delle muitos ljuros e papeis desnecessarios que lhe servem de grande embaraço & duuida aos escriuais que os trattao sem frutto ¶ q̃ se tirem e ponhão a parte.

É para notar o cuidado com que manda conservar os papeis mesmo que se julguem inúteis, contra o critério de *utilidade* que tantos documentos de importância inutilizou nos séculos XVI e XVII com o pretêsto de tudo tornar mais legível e de tudo pôr em melhor ordem. Os papeis de herança de João Bautista que se guardam no n.º 3 dos *Testamentos*, no Cartório da Misericórdia de Coimbra, são

---

(1) António de Moura Freitas, *Cathalogo / dos Senhores / Provedores / e / Escrivaens / da Santa Casa / da Misericordia / de Coimbra* / 1860 / É oferecido *Ao Ill.mo e Ex.mo Sñr. Miguel Ribeiro de Almeida e Vasconcelos, Fidalgo com exercicio na Casa Real, e actual Provedor d'esta Santa Casa.* A dedicatória tem a data de 20 de Fevereiro de 1860

Catalogo / dos / Bemfeitores / da / S.ta Casa da Misericordia de Coim- / bra, suas disposições e Legados, feito por man- / dato do Ex.mo D.or Joaquim Cardozo d'Ara- / ujo, Lente Cathedratico da Faculdade / de Theologia na Universidade, sen / do Provedor no anno de 1866 a 1867.

dos mais curiosos para o estudo da vida burguesa no século XVII. Em Portugal tem havido pouco cuidado em publicar estes curiosos inventários, para nós mais importantes muitas vezes que as quitações régias e os inventários de reis e príncipes. Por isso é quási completamente desconhecida a vida do povo português, que é mais seguro encontrar nestes esquecidos documentos do que nas pomposas crónicas reais ou monásticas.

São documentos que fazem fé. Nêles se encontram minuciosamente descritos e por vezes avaliados, todos os objectos que, numa frase que parece moderna e é horrível, como a sciência de bric-à-brac, se costuma chamar agora *o recheio da casa.*

Isso me levou a publicar os documentos seguintes que pacientemente copiei no *Cartório* da Santa Casa de Coimbra, conseguindo assim passar alegremente os últimos dias de chuva e frio dêste inverno.

Rol dos mouens q̃ se acharaõ na sua Casa e q[ta] de Valmeaõ

CASAS

jt. Hum escritoreo uelho Con tres gauetas e seus pees 1$400

jt. Hũns almarios grandes pintados de amarello q̃ saõ os q̃ manda fiquẽ cõ as casas

jt. Quatro castiçaẽs de estanho feitos o moderno. est[es]

jt. Outo procollanas de louça da India. est[es]

jt. Outo prattos da India em q̃ entra hũ quebrado e dous pires, hũ pequeno, e outro maior. est.[es]

jt. Vinte prattos pequenos de lousa de Lx.[a] est[es]

jt. Quatro prattos grandes de louça de Lx.[a] e sinco proçolanas est[es]

jt. Quatro prattos de estanho, e dous de meia Cosinha E estes tudo 5$

jt. Hũ faqr.º cõ seis faquas de pees prateados $650

jt. Dous frascos de estanho hũ pichel e hũa garrafa e dous prattos grandes. tirado os prattos q̃ ia uaõ cõ adiçaõ das galhetas o mais 1$770

jt. Hũ crusado de hũ anel q̃ estaua empenhado por elle $400

jt. Hũ Jarro de estanho uai e foi uendido na adiçaõ assima de 5$

jt. Seis piuitr.os de pao, e hũa crus

jt. Sete Cadr.as e hũ tàmburete de couro uzadas. este taõburete uaj cõ os mais todos 1$400

jt. Huã baçia de lauar pes de lataõ uzada 1$100

jt. Huã Cadr.a e hũ tamburette

jt. Huã mesa de engonços de pao uelha

jt. Duas arquas ne Castanho grandes cõ trigo q̃ se disse ser de Ioanna de Paixaõ Cunhada do defunto 4$

jt. Trese paineis de Santos outo grandes, e sinco pequenos. sete pequenos 1$

jt. Quatro casticaes de estanho de piuetes uaõ e foraõ na adicaõ asima de 5$

jt. Hũ oratoreo cõ hũ Cruxufixo cõ seus frisos de ouro. foi a S.to Antº da Pedrª por legado.

jt. Hũ escritoreo grande cõ suas gauetas e pes.

jt. tres godomexins uelhos $800

jt. Huã lamina pequena de bronse

jt. Duas Laminas huã de nossa Sñra bordada de prata, outra de S. Joaõ de tartaruga cõ suas molduras uaõ uendidas cõ o espelho

jt. Huãs Cortinas pretas q̃ seruẽ e Cobrẽ o dto Crusufixo. a S.to An.to

jt. Duas Cortinas uermelhas do Oratoreo a S. Ant.º

jt. Huas galhetas de estanho Cõ Seu pratto. uaõ na adiçaõ do fim.

jt. Hũ almofaris com sua maõ de bronse Leuou o Ioanna da paixaõ

jt. Huã uestia branca de sarja cõ a murça de S.to Ant.o 1$

jt. Hũ abito cõ sua murça da misericordia de Sarja uelho 1$

jt. Huã murça de S.to Ant.o de imperiallete esta cõ a uestia

jt. Hũ tabolr.o pintado $150

jt. Hũ uestido de pano anogueirado uzado Calções, Roupeta, e capa

jt. Huã arqua chapeada de ferro 1$500

jt. Sinco Lambeis de cubrir arquas pequenos. tres soo. todos $620

jt. Hun cirio de cera branco por fora. foi fundido na cera da casa

jt. Huã toalha de rede de Cantareira. foi uendida cõ as meudesas da roupa

jt. Huã colcha de tafeta de cores acolchoada ja uzada deuse a Joanna Bauptista digo da Paixaõ

jt. Hũ pucaro e salua tres pires e dous Copos, dous garfos e duas Colheres e hũ Salr.o tudo de prata celr.o e hũ pires e dous garfos q̃ pezaraõ 6$120 Se entregaraõ a Ant.o de Souza p.a o vaso de lauatoreo, os copos culheres e dous pires 11$310

jt. Hũ cofre pequeno chapeado de ferro em 1$

jt. Huã cortina da India de tafeta cõ suas franjas, e hũ pingente de ouro cõ seus aljofres q̃ disse Ioana da paixaõ cunhada do defuncto estaua empenhadas por dous mil r̃s cõ hũ gardanapo em q̃ estaõ.

jt. Hũ pauilhaõ de terçionella (sic) Roxa cõ seu Capello de tella a S. Joaõ de S.ta +.

jt. Dous Cubertores hũ de pano azul, outro de papa. nossa e Cunhada.

jt. tres Lançoẽs de linho uzados. foraõ nas camas dadas

jt. dous trauissr.os enfronhados e duas almofadinhas taõbẽ enfronhadas cõ as camas dadas.

jt. dous colchoẽs hũ de sete marges outro de seis 3$

jt. Duas alcatifas usadas. huã uendida com 4$ outra p.a a casa 4$

jt. Hũ trauisr.o de pano uzado, e duas almofadinhas lauradas de azul deraõ se a Ioanna da Paixaõ

jt. Hũ cofre pequeno Cõ Chapas de ferro $400

jt. Hũ leito de pao dourado antigo deuçe a cunhada

jt. Huã arca emcourada Cõ duas fechaduras esta e abaixo outra 5$500

jt. Huã colcha branca de montaria uzada.

jt. Hũ cubertor uermelho cõ duas barras de velludo verde 11$500

jt. Huã arca emcourada uai asima

jt. Huã arca emcourada cõ alguã roupa q̃ disse a cunhada q̃ era sua.

jt. Hũ bau preto q̃ disse q̃ taõbẽ era seu.

jt. Hũ pauilhaõ de estamenha azul uzado, a criada se deo.

jt. tres tachos hu de lataõ pequeno e dous de cobre maiores o maior 4$420

o pequeno de lataõ e duas culheres... escum adr.a $ oo

jt. Huã bacia de coser fartus, e hũa frigideira de cobre cõ sua culher de lataõ

jt. Huã trempe de fero grande $550

jt. Huã torteira de cobre esta, e o tacho de cobre assima e o caldeiraõ de tirar agoa

jt. Huã certam cõ sua rapadoura de ferro ficou a Ioana Da paixaõ

jt. Aigũas alfaias de cosinha candeas espetos e hũa fatexa de ferro de penduraõ e louça toda adiçaõ ja adiante ja pagas.

jt. Huãs toalhas de mesa adiante ja pagas

jt. dous Lançoẽs de Linho e hũ de estopa uelhos uaõ adiante no fim ja pagos

jt. Dous Lencos e hũ guardanapo, e huã almofadinha ja pagos adiante

jt. Hũ colxaõ de sete margẽs 1$700

jt. Hũ chapeo de sol uelho ao mosso da capella dado.

jt. Hũ rodo e huã bacia de lataõ pequena de cama o rodo uai pago nas farram^tas^, a bacia de cama, e huã de fartens $400

jt. Hũ alq.^e^ de medir pam ferrado, e huã toalha de agoa as maõs de linho foi cõ esta adiçaõ as farram.^tas^ ja pagas.

jt. Hũ Cubertor uelho q̃ tẽ o mosso pagem ficou p^a^ hũ pobre

jt. Honse paineis, e huã lamina de Cobre de Nossa Sñra Cõ Suas molduras de pao. a lamina a S. Pedro de legado quatro paineis 3$700

jt. Hũ S. Fr.^co^ de Vulto grande a S. Pedro.

jt. Noue Cadeiras e hũ tãburete uermelhos.

jt. Dous tamburetes e huã mesa digo dous bofetes. hũ a S. P.^o^ de legado.

jt. Dous chapeos do defuncto ao mosso da q.^ta^

jt. Hũ espelho dourado de uestir com as laminas duas 1$

jt. Huãs meias de ceda uelhas deraõce a hu clerigo p̄ amor de ds.

jt. Huã espingarda 1$

jt. Hũ escritoreo cõ os papeis de sua faz.^da^ 2$1

jt. Huã escriuaninha cõ tres tinteiros e poeira e campainha de lataõ e sua tizoura e caniuette. em $500

jt. Hũ escritoreo pequenino 200

jt. Dous arcabuses (?) cõ seus frascos dourados . 2$

jt. Huã rodella da China uendida em $800

jt. Quinse potes de ter az.te pequenos e grandes entre os quais entraõ quatro ceuilhanos, e hũ dos d.tos potes esta meio de az.te q̃ he do defuncto. o az.te

jt. Huã duzia de taboas de pinho nouas

jt. Hũ aluiaõ de ferro, foi nas ferram.tas uendidas

jt. Huãs estantes cõ o cartr.o

jt. Quatro toneis cheios de u.o e hũ uazio e outro mais pequeno taõbẽ cheio de u.o

jt. Sinquo pipas de u.o cheas, e seis vazias e dellas duas tẽ algũ u.o

jt. Huã pouca de madr.a de castanho e traues.

jt. Dous quartos pequenos de ter u.o deuce hũ e o outro de uinagre a cunhada.

jt. Hũ caldeiraõ de cobre de tirar agua e huã gamella de pao grande uendido cõ hũ tacho de cobre e tortr.a de cobre a 3$220

jt. Huã arca de pao pequena cõ chapas de ferro cõ trigo q̃ disse a cunhada do defuncto ser seu.

jt. Hũ fugareiro de Cobre q̃ entregara Ioanna da Paixaõ 3$900

jt. Huã alcatifa de lam q̃ entregara a cunhada a cunhada

jt. Hũ candieiro de lataõ de tres lumes . 1$100

jt. Huã cortina da India uelha q̃ disse leuara a m.er de Ant.o Cardozo entregouce em $200.

jt. Huã caldr.a grande q̃ esta em casa de Ioaõ fr.co Latoeiro q̃ entregou em 2. de uinho 1$900

jt. Hũ Salr.o de prata maior q̃ outro q̃ disse estaua empenhado e naõ sabia poq.to

jt. treze mil e seis c.tos rs q̃ entregou a cunhada do defuncto, a nosso Irmaõ M.el Correa em hũ Saquo, dizendo q̃ estando o defuncto na Cama e faltandolhe dr.o p.a

pagar 1$500. a huã fornr.[a] de hũ quinhaõ de paõ q̃ compraua, e de q̃ comia lho mandara buscar, e q̃ do gasto delles e da Casa Sobraraõ os dittos 13$600 q̃ entregou 13$600

jt. Hũ colchaõ e hũ cabeçal q̃ a mesma entregou disendo ser do defuncto o colchaõ so $800

jt. Disse a mesma q̃ emprestara ao defuncto seis mil rs., e q̃ Som.[te] lhe tinha pago mil rs. E que lhe deuia Sinco mil rs delles

jt. Entregou mais a mesma tres prattos de estanho de meia cosinha dous, e hũ grande Cõ as galhetas e prato, e mais dous pratos 1$850

jt. tres camisas usadas q̃ foraõ do defuncto est[as]

jt. Hũ trauissr.[o] e duas almofadinhas e outras meudezas $400

jt. tres toalhas de prego usadas destes huã. as outras e outras 1$400

jt. tres toalhas de mesa e dous guardanapos e hũ lenço dos abaixo duas 1$100

jt. Dous lenços usados foraõ uendidos nas meudesas de roupa

jt. Huas ciroullas digo duas, estas e tres camisas e dous guardanapos e hũ lenco, e tres lancoes velhos 2$750

jt. Dous Cabeçaes $720

jt. Sinco Lançoẽs 2$200

jt. Dous penteadores uelhos hũ milhor ... ambos 0$70

jt. huãs cadeas de ferro e a fateixa de ferro 0$450

jt. Hũ pouco de ferro uelho 0$600

jt. Seis cestas 0$120

jt. Dous tabolr.[os] 0$150

jt. Huã linterna ja uelha $100

jt. Hũ uestido de pan[illegible] e huãs [illegible] 3$900

QUINTA

jt. Hũ painel da Imagẽ de Christo nosso S.or cõ suas cortinas de tafeta

jt. tres paineis, e hũ do Sperito S.to e hũ cruxufixo na crus cõ seu calur.º

jt. Hũ cruxufixo de Christo nosso Sñor 2$

jt. Dous piuitr.os pequenos de estanho

jt. Hũ pichel de estanho

jt. Huã mesa de pinho e mancebo de pao

jt. Huãs ferram.tas da q.ta dellas hũ rodo .5o. 1$o5

jt. Seis cadr.as de louro, e duas mesas de engonsos grande e pequena estas mesas uaõ adiante, as cadr.as deraõce a Amaro Soares.

jt. Huã arqua grande uelha de cedro 4oo

jt. Huã caldr.ª ia uelha esta uai abaixo

jt. Tres colchoes. deraõ dous a Ioanna da paixaõ, e outro cõ enxergaõ a mossa.

jt. Huã cortina de rede de pano da India q̃ serue de sobre Cama $5oo

jt. Hũ Catere de pao santo 3$

jt. Huã colcha branqua ja uelha p.ª a mossa

jt. Hũ Cabeçal e almofadinha

jt. Huã cadr.ª rasa de couro uelha e esta e mesa uelha de pinho assima abaixo caregda cõ o mancebo

jt. Hũ cabecal este e dous mais — 2oo — $2oo

jt. Huã arquinha pequena de cedro $5oo

jt. Hũ bau m.to uelho

jt. tres candeas e tres espetos. uaõ cõ as alfayas todas da cozinha e a Caldr.ª uelha $5oo

jt. Huã arqua grande de sedro cõ hũ caixaõ de gauetas, o quaixaõ so [illegible]

jt. Duas arquas de pao de castanho e outra de cedro tudo em ₰050
jt. tres pipas, duas cõ u.º e huã vazia — o u.º 4₰480 as tres pipas 3₰ — tudo — 7₰480
jt. de algũas miudezas da q.ta q̃ se uenderaõ 1₰770
jt. Huã cadr.ª raza uelha ₰100
jt. Hũ trado ₰050
jt. Huã enxo ₰100
jt. Huã alabarda 450
jt. Hũ estrado uelho 130
jt. tres mesas de engonços e hũns pes 910
jt. hũ escritorinho uelho 300
jt. hũns Sapattos cõ suas formas 400
jt. Hũ oratorio pequenino cõ hũ cruxufixo de marfim 4₰400

(Cartorio da Miz.ª de Coimbra, *Testamentos*, n.º 3, fls. 35, 36, 37 e 38).

Memoria da despeza que fis na morte de minha molher Antonja montejra que deus tem que falleseo em 14 de aguosto 1661

ℂ Abetto	2₰000
ℂ As noue fregªs da cidade	2₰700
ℂ .S: framcisco	₰400
ℂ :S: pedro	₰400
ℂ .S: dominguos	₰400
ℂ Dos tres off.os a S: joaõ de S ÷	3₰600
ℂ Mea offerta aos :d:	₰600
ℂ tizourejro	₰300
ℂ a saõ Dos dos tres offos	3₰600
ℂ Mea ofertta	₰600
ℂ Almatiquas	₰600
ℂ toriba	₰300

¶ .S: pedro offos	3$600
¶ S: framco offos	3$600
¶ de 25o missas a 5o reis	12$500
¶ Ao Sirieiro da Sera	10$330
¶ A 5o pobres das tochas	1$.00
¶ de fazer a coua	0$500
	46$039

Dos q̃ tomej para mim e pesoas de minha casa

Cobrir a coua	17$000

¶ Leguados de dinhejro que paguej

¶ Antonjo cardozo	40$
¶ Aos capuchos	10$
¶ A lionarda guomes	10$
¶ A .S: framco	04$
¶ A filha de franco alueres	10$
¶ A minha criada izabel	01$
	75$
Soma a lauda atras	46$039
mais dos das lauda D	17$000
	138$039

¶ Mais leguados que pagej que deixou
Antonja momteira en seo testam.to

¶ A nossa Sñora do Rozario huã Cadea de ouro e sua pera pezou tudo (1)	31$800

(1) No recibo passado por Hieronimo de Sampaio Ribeiro, escrivão da *Confraria e irmandade de nosa Sñora do rosairo sita no mosteiro de Saõ domingos*, de Coimbra é assim descrita: *huma cadea de ouro Cõ huma pera chea de ambar q tinha coatro uoltas meuda e trazia certidam de ioaõ de torres q tinha de peso trimta e hum mil e oitosentos rs...* (Cart. da Miz.a de Coimbra, *Testamentos*, n.º 3, fol. 138).

❡ Mais que deixou a mesma Snrª hum uistido de chamalote de . . . (1) 10$—

❡ des alqueires de azeitte que deixou aos Capuchos a 500 o alqre soma 5$

❡ des almudes de u.º aos mesmos capuchos 400 rs o almude soma 04$—

Somaõ as 4 adições 50$80

❡ Aos mesmos Capuchos huma allquatifa noua da China 10$

❡ huma arqua emcourada 01$500

❡ hum feitio de menino jesus, hum Sam joaõ e samto Antonjo todo estofado com diademas de prata 04$000

❡ tres toalhas finas Com Remdas do mesmo como de bautizar 02$000

❡ quatro traueseiros con suas almofadinhas de ljnho 02$000

❡ Dous Corchois 4. lamcois hum cobertor de papa qoatro milrs 04$000

❡ Mais aos mesmos humas toalhas de meza e mea duzia de gardanapos 01$000

❡ Aos mesmos 3 toalhas de prego quinhentos rs 0$500

❡ Aos mesmos huma Colcha bramqua e 4 Camizas 02$000

❡ A samto Antonio dos oljuais huã alquatifa de seda boa 04$000

❡ Aos mesmos Mea duzia de lancois de linho nouos q̃ tinhã 40 uaras de pano a 120 r a uara 04$800

❡ A m.ª fª de fram.co allures huã cama de 2 Corchois 2 lamcois trauesseiro e almofadas hũ

86$600

(1) No mesmo livro e página da nota antecedente: *hum uestido de chamaiote apauonado arremdilhado de renda negura.*

hum Cobertor azul, huma arqa de sedro alem dos 10$ atras q̃ bem val tudo 6$	06$000
ℭ A maria de olju.ra Molher do dito framcisco allures todo o fiado q̃ asista en Caza. 3 mamteus e 4. camizas aualeio em 3$ esto que mais uallera	03$000
ℭ A maria da Costa filha de Marcos Ribejro hum uestido de bajeta uermelha aualeio em 2$	02$000
	97$600
	138$030
	235$630

Cartorio da Miz.a de Coimbra, *Testamentos*, n.º 3, fls. 27, 28 e 29.

Entrega do mouel q̃ se deo a Ioanna da paixaõ Cunhada de Ioaõ Bauptista q̃ Ds tẽ

jt. Seis cadeiras atamaradas as q̃ dis o defuncto, em seu codecillo naõ aprouado.

jt. Hũ painel de S. Ioaõ Bauptista.

jt. Hũ painel de Nossa Sñra da piedade.

jt. Dous Cofres pretos q̃ estaõ, ou estauaõ na camara do defuncto.

jt. Duas arquas das q̃ uieraõ da q.ta e huã q̃ estaua nas Cazas.

jt. Huã trempem, e certam cõ sua rapadoura

jt. Hũ leito de pao dourado em q̃ dormia o defuncto.

jt. Hũns cambos de ferro de pesar cõ seus pesos de ferro de 4. arratens ate 4.º

jt. Huã cama de roupa de dous colchoes e hũ trauessr.º cõ sua fronha, e huã almofadinha, cõ fronha, e dous lãcois E o cubertor uermelho digo colcha laurada de montaria, e hũ cubertor azul digo q̃ a colcha he de tafeta de co-

res, e huã bacia de cama, e dous quartos hũ de ter uinagre, outro de uinho co potte do sabaõ (?) cõ o q̃ tiuer.

jt. Hũ pote de ter agoa

jt. Hũ Cabeçal.

jt. Huã mesa de engonços

jt. Huã mesa de toalhas uai abaixo e saõ Som.te duas.

jt. Hũ pote pequeno de ter az.te

jt. Huã pouca de cinza cõ seu estillador de Sabaõ

jt. Dous tabolr.os de pao uzados

jt. tres Lançoẽs de linho. digo seis

jt. Duas toalhas de mesa e tres guardanapos e hũ pichelinho e dous tachos

jt. Huã alcatifa de lam q̃ foi de sua irmam.

jt. Hũ tapete de lam ja uelho.

jt. Duas bacias de fartens

Aos sinco de Iunho de 669. foraõ entreges a Ioanna da Paixaõ cunhada do nosso Irmaõ Ioaõ Bauptista q̃ ds tẽ todas as pessas deste Rol assima por nosso Irmaõ Manoel Correa e por uerdade assinou aqui esla quitaçaõ q̃ eu escreui.

Ant.o Gẽz Collaço

E assinou a rogo da dta Ioanna da Paixaõ Ioaõ Rõz alfaate e como test.a e mais Seu obr.o Anto Rõz moradores nesta cidade de Coimbra em o dto dia

A Rogo Como testemunha Joaõ Ribr.o

Anto rrodrigues.

Cartorio da Miz.a de Coimbra, *Testamentos*, n.o 3, fol. 68.

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

ÍNDICE DAS GRAVURAS